

D
Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

37

OS JESUITAS

PERANTE A HISTORIA.

JF

Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estatuto da República

OS JESUITAS

PERANTE A HISTORIA.

POR

OVIDIO DA GAMA LOBO.

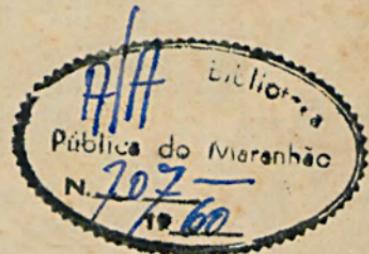
Bacharel formado em sciencias
juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito
do Recife, e Secretario do Governo da Provincia do Maranhão.



ORMA
271.53
L7998
JES

Nous avons tué les jesuites; il ne nous
reste plus qu'à en faire autant à la
notre sainte Eglise romaine.

(Roda á Choiseul.)



MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL.

1860.

Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

AO ILLM. EXM. SR. CONSELHEIRO

JOSE' THOMAZ NABUCO DE ARAUJO

SENADOR DO IMPERIO

OFFERECE O AUTOR

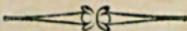
Como uma homenagem sincera de respeito, amizade e reconhecimento.



AO PUBLICO.

Imprimindo este livro, corre-nos o dever de dar aqui um testemunho da gratidão em que estamos para com o Illm. Sr. Dr. Joaquim de Aquino Fonseca, pelo muito que nos ajudou á leval-o á effeito, fornecendo-nos diversas obras, e por nos ter inspirado a idéa de o escrever.

Cumprido esse dever, resta-nos pedir ao publico que nos perdoe os muitos e grandes defeitos de que se resente o nosso livro, e sobre tudo os inumeros erros orthographicos que, por descuido nosso, n'elle se nota.



Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

OS JESUITAS.



PREFACIO.

Quando o mundo tem desacreditado uma instituição á fasel-a descer da altura em que a collocaram a santidade de seus principios e a virtude de seus sustentadores, até vir emprestar seu nome a um dos mais torpes vicios que a moral condemna; quando a acção dos seculos parece ter sancionado esse facto, imprimindo-lhe o carácter de justo; quando finalmente uma instituição apparece contrariada por milhares de inimigos, desenvolve-se e cresce no meio dos combates que de toda a parte lhe offerecem, e afinal é extinta por um acto da Sé Apostólica; é bem difícil que se não creia na justiça da oposição feita a semelhante instituição, e na prudencia do decreto que a supprime, antes de ter estudado os moveis que decidiram seus inimigos ao combate, e o modo astuto e calunioso porque elles, depois de conhecerem a pro-

pria fraquesa, chegaram a obter de Clemente XIV a sua extincção.

Quem foram porem esses inimigos que tanto trabalharam por desacreditar a Companhia, que fizeram a palavra—Jesuita—sinonyma de hypocrita, que a feriram com todas as suas armas, e depois a destruiram pela mão do Papa? Estude-se a historia dos Jesuitas em todos os paizes, e só se encontrará como seus inimigos: primeiramente os Protestantes, depois, ministros ambiciosos, monarcas pusilánimes, e em summa, como diz Jacques Balmés, homens que mais ou menos claramente, com mais ou menos resolução mostram-se pouco affeiçoados á auctoridade da Igreja Romana. Basta a qualidade de semelhantes inimigos, basta-lhes o caracter de contrarios á Igreja para saber-se a rasão porque elles atacaram os Jesuitas, que eram seus mais ardentes defensores, e que constituiam uma muralha a qual elles deviam transpôr antes de poderem offender a cadeira de S. Pedro. Os protestantes tinham pois rasão de odiar os Jesuitas, porque conheciam o valor de seus adversarios, e sabiam que não era possivel, existindo elles, o triunpho de suas ideias de reforma. A apparição da companhia de Jesus na epocha em que a Igreja soffria os mais violentos ataques de sua

VII.

parte, foi um facto que oppoz á todas as armas com que a affligia o protestantismo, armas iguaes ou de mais valor; á sua erudicção, elles oppusseram uma erudicção ainda maior, e á seu zelo furioso pelo triumpho de sua causa, a energia e firmesa que lhes dava seu ardor religioso, e a coragem que distinguia os da sua ordem.

Por seu lado os ministros ou favorecendo o movimento protestante, ou proseguindo seus planos de ambição, se uniram aos Jansenistas e philosophantes, e empenhando a influencia das corôas que elles regiam á sua vontade, alcançaram do Papa o breve de supressão dos Jesuitas, entre todos os defensores da Igreja aquelles em quem ella mais podia e devia confiar. A este respeito escrevia á Frederico da Prussia d'Alembert, que não é suspeito de amigo da religião: "Parece-me que o Santo Padre não fará bem despedindo assim seu regimento de guardas, por complacencia com os principes catholicos. Assemelha-se esse tratado ao dos lobos e das ovelhas, cuja primeira condição foi que estas entregariam seus cães"; e sabe-se o que lhes aconteceu depois. E em outro lugar: "assegura-se que o Papa hesita em abolir os Jesuitas. Não me admira. Propor á um Papa destruir esta brava milicia, é o mesmo que propor á V. M. a destruição do seu regimento de guar-

VIII.

das." Respondendo á d'Alembert, dizia Frederico: "A Philosophia animada n'este seculo, annuncia-se com mais força e coragem do que nunca. Que progressos tem ella feito? Expulsou-se os Jesuitas, direis vós. Convenho, mas provar-vos-hei, si quizerdes, que a vaidade, vinganças secretas, cabalas, emfim o interesse fez tudo."—Eis ahí como dois philosophos impios julgam os Jesuitas, e denunciam e condemnam o plano abominavel e cruelmente injusto de sua suppressão.

Os reis não se julgaram bastante poderosos para extinguir a companhia de Jesus; era grande a força d'aquelles Padres por que se firmava na virtude, na unidade e na obediencia; alem de que a responsabilidade de um acto que mais tarde a posteridade havia reprovar, em vista da torpesa dos motivos que o produziram, amedrontava os homens do poder material; era mister pois feril-a por aquella mão á qual tanta veneração e respeito tributavam os Jesuitas: o unico meio pois de aniquilar a ordem era aniquilal-a por um poder á cujos decretos ella se curvava respeitosa e sem discutir sua equidade, e sem murmurar de sua injustiça. Semelhante poder só o tinha a Sé Apostolica: tornava-se forçoso envolver o Papa na crusada que levantavam contra os Jesuitas o philo-

IX.

sophismo e a ambição, e foi o que elles fizeram, arrancando á resistencia de Clemente XIV o famoso breve—*Dominus ac redemptor* em que se declarava extinta a companhia de Jesus, de todas as ordens a que talvez mais serviços terna prestado á civilisação e á fé.—

“ Os adversarios da companhia encarregaram-se de fazer a apotheose do breve, acercando-o de impostores elogios, em quanto que seus amigos, detidos pela veneração devida a santa sé, recuavam de medo ou se limitavam á inoffensivas reticencias, quando tinham de julgar aquelle que na terra foi o successor dos apostolos. Esta posição singular trouxe aos espiritos uma desordem que jamais foi favorável á equidade. Os filhos de S. Ignacio de Loyola tinham justos motivos de queixa contra Ganganelli, mas seus deveres de religiosos, sua caridade de padres se oppunham á pensamentos, á pesquisas, á manifestações que, satisfazendo sua consciencia de jesuitas, iam ferir a dignidade do supremo sacerdote:— elles se resignaram ao silencio; e aquelles que, levados pelo desejo de recordar as virtudes e as desgraças de seus irmãos, contaram os acontecimentos da suppressão, nunca sahiram do quadro traçado, e nenhuma luz lançaram sobre a discussão.”

X.

A victoria dos inimigos dos jesuitas foi pois o silencio á que elles se condemnaram, para não quebrarem a obediencia que deviam á cadeira de S. Pedro. Antes quizeram suppor tar o desar de uma suppressão humilhante do que justificarem-se, censurando á injustiça de um breve pontificio; e deram n'isto mostra do espirito de paz e ordem que os animava. Infelizmente porem, este silencio da companhia, que julgamos um nobre e admiravel sacrificio ao dever, em vez de ser attribuido á obediencia, foi reputado a convicção da propria culpabilidade, graças ao esforço de seus implacaveis inimigos.

Consummada a obra da iniquidade, protegida pelo silencio das victimas, passaram em julgado os crimes que se attribuiram aos jesuitas; e sem que nada tivessem provado seus inimigos, tem corrido como verdadeiras as accusações que lhes fizeram. De um lado é a ordem que resignada e firme em sua constituição via, sem renegar um só de seus principios, lavrar-sé sua sentença de morte (*Sint ut sunt, aut non sint*), e de outro os Choiseul e os Pombal que, encontrando em sua presença junto a monarquia obstaculo invencivel a suas ambições, empregavam todo o seu poder, por apartal-los do throno e, por mais segurança, do reino. Eis o

XI.

poder e a auctoridade não recuando ante os crimes para triumphar da virtude e da fraqueza, que só oppunha aos immensos recursos da tyrannia a mudez dos factos, que attestavam seus serviços e sua incansavel dedicação ao bem da humanidade.

A justiça e a defesa do estado foi a mascara com que se occultou a ambição, e a calumnia e o ridiculo da parte dos philosophantes, e a crueldade e a oppressão da parte do poder, foram as armas com que se realisou aos olhos do mundo uma das maiores iniquidades que regista a historia.

Em Portugal e em França, como na Hespanha e em Napoles, como em toda a parte, é á mesma scena que se repete; variam só os algozes, a victima porem é a mesma.

O papel da calumnia é dispôr os espiritos á olharem como cousa justa a suppressão dos jesuitas, e preparal-os para assistirem impassíveis ao golpe que ferio a companhia, e com ella os verdadeiros interesses de ensino, e que reviveu com sua queda o dominio da intriga cortesã.

Realisaram-se os seus designios; a ordem desappareceu á luz do dia, mas a sentença dispensára o julgamento, e hoje não é mais questão a injustiça do breve—*Dominus ac Redemptor.*

Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

CAPITULO I.

Nascimento da companhia; causas que lhe deram origem; sua ligação á igreja.

Sempre que a igreja está em luta com um inimigo, apparece um defensor que oppõe a palavra ou a espada ante o adversario que ousa levar mão sacrilega sobre a arca santa do Senhor. A igreja hade perpetuar-se até a consummação dos seculos, e Deos, cuja presença n'ella é o penhor de sua duração, é quem a defende contra e poder de Satanaz, é quem combate por ella com a dedicação dos catholicos, com a coragem dos martyres, com o poder evangelico da caridade. Jesus Christo, soffrendo e morrendo pela salvação dos homens, instituindo a igreja como o caminho que da terra nos levará ao céo, como o pharol que brilhando no meio das trevas do mundo nos aponta o caminho da felicidade, não pôde consentir, nem consentirá, como nos prometteo, que o poder humano destrúa a obra do seu poder, que

o homem, acabando a igreja, corte à unica
communicação possivel entre o homem e Deos,
e apague a luz da religião, accesa pelo seu
amor no cume do Calvario, e transportada pe-
la fé de S. Pedro á cidade de Roma. A igre-
ja é o symbolo do amor de Deos á humanidade;
nasceu d'esse amor, e durará tanto como elle.
Jesus Christo soffreu o opprobrio e a morte
para a fundar; e para conservala tem sido mis-
ter tambem o opprobrio e a morte. Plantada
n'um terreno alagado do sangue de Deos, a
igreja tem continuado a ser regada com san-
gue de seus defensores;—o papado tem sido a
continuação do drama do Calvario.

Constituida depositaria das verdades eter-
nas, ella tem a missão de ensinal-as, e com
a auctoridade do mestre que Ihesus dictou, e
sem admittir o exame a seus preceitos, porque
o exame seria n'este caso a intelligencia hu-
mana julgando a intelligencia divina, seria o
racionalismo, e o racionalismo é a revolta do
homem contra Deos.

Esta obediencia ao ensino catholico revol-
tou o orgulho dos novadores. As seitas que
professavam a independencia da razão de toda
a auctoridade, em todas as epochas inimigas da
igreja, constituiram sua oposição no seculo
XVIII sob o nome de jansenistas e philoso-

phos, e guardando entre si oposição sobre certos principios, abraçavam a ideia commum de guerrear a igreja.

E' assim que, embora perpetua e inabalável, a igreja tem sido o objecto dos ataques dos homens, que não tem a virtude da fé, e que não querem curvar sua razão ao ensino da sé apostolica. E' assim que por tantas vezes a impiedade se tem esforçado por desmoronar a *columna secular*, e por desacreditar pela calumnia e pelo ultraje a esposa do Senhor. Estas tentativas porem, si não tem conseguido destruir a igreja, porque isto não está no poder de seus inimigos, tem-lhe trazido muitos soffrimentos e muitas perturbações; tem produzido lutas em que a igreja, oppondo apenas á seus adversarios a moderação e o amor, tem supportado até a invasão armada de sua jurisdieção, o insulto e a prisão de seu augusto chefe.

Entre essas lutas, a que nos parece ter ido mais longe em sua oposição á igreja, é a que começou com Luthero e Calvin, e á que Voltaire veio dar vida, ordem e regularidade. Foi a revolução que maior mal causou a igreja, que lhe roubou maior numero de fieis, e que terminou extinguindo a ordem dos jesuitas, e produzindo a revolução politica, que foi a tradução material d'essa philosophia impia e

anarchica, que, combatendo contra Deos, atacou em sua origem o principio da soberania.

Para combater o protestantismo, esse grande inimigo da igreja que levanta contra ella as paixões humanas, que incensa o orgulho, o egoísmo e o poder da razão, era mister que houvesse do lado da igreja um defensor tão valoroso, tão esforçado como elle, que combatesse sua falsa sciencia, que oppuzesse á seu zelo um zelo ainda mais estremecido, e que se erguesse como uma muralha entre elle e a igreja, para livral-a de seus golpes e protegel-a de suas violencias;—esse defensor, cumpre confessal-o, foram os jesuitas.

Fleury, que não lhes era affeiçoad, como elle mesmo declara, exprime-se por esta forma:

“ E’ doloroso que os jesuitas decaiam, por que é preciso convir que são quasi elles unicamente que defendem a igreja. . . . Creio que é do interesse da religião sustental-os, e o faço efficazmente sem rancor. As oposições que elles encontram em Roma provam que os jansenistas ahi tem protectores, porque força é dizel-o, para vantagem dos primeiros, que os jansenistas creriam ter tudo ganho se podessem vencel-os.”

Eis como Balmés, o genio hespanhol, explica as causas e a necessidade da apparição

*recto cap. I
todo cap. II
III
IV
V
parte cap. VI*

— 101 —

dos documentos com que o julgará a posteridade exprime-se assim:—"que depois de ter usado de clemencia á seu respeito, não esperava sua magestade que, intentando-se contra elle um processo civil, ousasse produzir uma defesa publica da conducta que tivera durante o seu ministerio. Que tendo-o mandado interrogar e ouvir sobre varios artigos da accusação, longe de se justificar, aggravou-a mais: de sorte que, depois de um maduro exame, os juizes decidiram, que era culpado e merecia um castigo exemplar; mas que attendendo á sua mui avançada idade (1), e consultando mais a sua clemencia do que á justiça, era de sua real vontade isental-o do castigo corporal que lhe devera ser infringido; e outro sim lhe ordenava, que se retirasse á vinte leguas da corte; deixando com tudo o direito salvo á todos os que tivessem pretenções legaes e justas contra a sua casa, não só enquanto elle vivesse, mas ainda depois da sua morte."

Para um homem tam cheio de orgulho e de ambição, que nem á igreja queria ouvir e obedecer, era isto um horrivel suppicio. Ser condemnado á presenciar a destruição da sua ob.a á ver voltarem do exilio, alegres com a sua

(1) 82 annos.

queda, aquelles á quem perseguiam e que agora riam da sua humilhação, para um Pombal era peior do que a morte, assim como, diz um escriptor, para Aman foi mais custoso que a morte levar Mardocheo em triumpho pelas ruas da capital da Persia.

Mas quando pensaria Pombal que, pouco mais de meio seculo depois, em sua volta triumphante e gloriosa á este reino (1), essa mesma companhia que elle tanto odiara e fizera soffrer, viria celebrar por sua alma o santo

(1) Decreto de D. Miguel, rei de Portugal, pelo qual chama de novo os jesuitas e os restabelece em seus estados:

“ Considerando o grave prejuizo que tem soffrido a educação christã e a civilisação dos dominios d'estes reinos pela falta de ministros evangelicos, e querendo sustar males d'esta natureza que com o tempo se tornariam irremediaveis, tendo sempre em vista o bem da christandade e com elle a felicidade de meus fieis subditos, tenho resolvido chamar para este fim a companhia de Jesus, e permittir que ella s'estabeleça de novo.

“ 10 de julho de 1829. ”

Decreto de D. Miguel, rei de Portugal, pelo qual restabelece os jesuitas na universidade de Coimbra:

“ Dom prior geral, chanceller da universidade de Coimbra, Eu, o rei vos envio meu saudar.

“ Tenho chamado os padres da companhia de Jesus para me servirem n'este reino, conforme as re-

sacrificio da missa, e collocal-o no mausoleu que em Oeiras lhe mandara construir sua familia! Os jesuitas, orando em 1829 por seu inimigo de 1759, vingaram-se christamente, porque eram as victimas que pediam pelo algoz.

Concluamos com o bello e eloquente trecho com que o padre Ravignan fecha um capitulo que consagra á esta materia :

“ Um dia tambem devia chegar em que se fizesse justica á Pombal e ás suas victimas:

gras e os santos fins de seu instituto que a funesta experienzia de meio seculo de desgraças e de calamidades, evidentemente mostrou á todos os soberanos catholicos *ser absolutamente necessaria* para o bem e tranquillidade de seus povos; tenho determinado e me apraz que se lhe confie o collegio real das artes para que ahi exerçam o principal ministerio de seu instituto, que é a educação da mocidade; e para que possam subsistir sem serem de nenhum modo pezados á meus fieis subditos, hei por bem ordenar que lhes seja paga annualmente pela caixa da universidade a somma de 10,000 cruzados, que serão repartidos em quarteis, na forma dos outros pagamentos da dita universidade, e por todo tempo em que os reditos proprios do collegio forem annexos aos della; e vós vos servireis das disposições tomadas pelo senhor D. João III, á quem Deus tenha em sua santa gloria, relativamente á entrada dos jesuitas no supradito collegio, como de regra para o caso presente, e para resolver toda e qual-

O carrasco foi julgado e condemnado, ao despontar d'um novo reinado; e pela mesma sentença suas victimas foram rehabilitadas. Paz ás cinzas dos mortos! A opinião e a historia julgam por sua vez, e eis-aqui em poucas palavras o juizo simplesmente verídico que transmittiram á posteridade.

“O breve de visita intimado aos jesuitas de Portugal, sua detenção, seu exilio, a deshumanidade com que foram tratados, tinham abalado a attenção de toda a Europa. Seus ini-

quer duvida que se possa suscitar na admissão d'estes regulares em uma casa que elles possuiram durante o espaço de douos seculos com a mais incontestavel vantagem da mocidade portugueza, e que eu lhes restituio com a plena posse de todas as graças e privilegios que lhes concederam meus augustos predecessores: é o que julguei dever ordenar-vos para que assim o tenhais por entendido e façais executar. Dado no palacio de Queluz, etc. *assignado o Rei.*” (Inedito.)

Decreto do patriarcha de Lisboa, em favor dos jesuitas:

“Patricio I, cardeal patriarcha de Lisboa, certo como estamos da grande utilidade e dos fructos abundantes que nossas bem-amadas ovelhas devem colher das santas e religiosas instruções dos reverendos padres da companhia do Jesus, novamente recebidos nestes reinos, as quaes pela regra de seu instituto se devem consagrar com fervor e zelo apostolico: pelo presente os autorisamos e approvamos, não somente para

migos publicaram que elles eram culpados, seus amigos se aterraram, e os indiferentes conceberam as suspeitas mais desfavoraveis. Mas quando se viu o fim d'esta horrivel tragedia, quando se viu que de 1500 a 1800 jesuitas, nenhum se tinha confessado culpado, nenhum foi convencido de uma imputação qualquer; quando se viu que nenhum fôra legalmente inquirido sobre algum dos delictos de que se tinha procurado persuadir ao mundo que elles eram culpados, esta condenação illegal os justifi-

pregar e confessar, como o temos já feito por todo nosso patriarchado, mas tambem para poderem percorrer todas as parochias e todos os lugares que julgarem convenientes, e ahi promover a boa educação religiosa, convocando os meninos e os adultos que poderem ou quizerem assistir ás reuniões, para instruir-l-os e enraizar em seus corações o conhecimento da pura doutrina e as obrigações religiosas, unicas capazes de formar o bom christão e o bom cidadão; e ordenamos aos nossos reverendos curas que não só não lhes oppunham nenhuma embaraço ou obstaculo, como que os recebam com veneração e com todas as demonstrações de affabilidade, como á seus auxiliares na obra que deve absorver todos os seus cuidados e todos os nossos. Dado no palacio de nossa residencia de Junqueira, á 14 de abril de 1830, sob nosso signal e sello de nossas armas."

" Patricio, patriarcha."

(*Inedito*)

eou melhor do que o podera fazer um decreto de absolvicão. A' este juiso, seja-me permitido accrescentar o seguinte: é o protestante Christovão de Múrr quem falla:

“Com a morte do rei José I, caiu Pombal. Escancararam-se as prisões em que, havia dezesete annos, gemiam tantas victimas innocentes. O chefe da justiça penetra no forte de S. Julião, pede os nomes dos prisioneiros, e interroga a causa de sua detenção.

“Cento e vinte quatro religiosos da sociedade destruida tinham sido sepultados vivos n'estas prisões, verdadeiras imagens do tumulo. Setenta e nove dormiam já o sonno da morte; restavam apenas quarenta e cinco. Porque crime, interroga o juiz, foram condenados estes homens á um captiveiro tam duro e tam longo?—E o guarda nada sabe. Singular resposta de um carcereiro! Pergunta ainda mais singular de um juiz, depois de tantos annos de soffrimentos! Ella recorda a pergunta feita por Pilatos á Jesus-Christo, já sentenciado á morte:—Qual é pois o vosso crime? *Quid fecisti?* (1) ?”

(1) *Journal de la litterature et des arts*, por Christ. de Múrr, tom. 9. pag. 184.

CAPITULO VII.

Os jesuitas em França.

Mais do que em Portugal, dominavam em França, onde tiveram origem, as idéias impio-philosophicas que haviam produzido n'aquelle reino a expulsão dos jesuitas, e em seguida o rompimento com a corte de Roma. Voltaire á cuja direcção cediam todos os espiritos de seu seculo, e á cujo plano serviam o jansenismo (1) e os demais promotores da luta contra o pontificado, havia resolvido a extinção dos jesuitas, como um facto necessário á extinção do catholicismo; a sentença da companhia estava lavrada n'esta phrase do senhor de Frenay:—*Une fois que nous aurons detruit les jesuites, nous aurons beau jeu contre l'infame !!!* Esta phrase em que a expressão *infame* designa á Jesus-Christo, basta

(1) " Les parlements croient servir la religion, mais ils servent la raison sans s'en douter. Ce ne sont pas les jansenistes, qui tuent les jesuitas, c'est l'encyclopedie." D'Alembert.

para caracterisar a epocha, para provar que a guerra declarada á companhia era a guerra declarada á religião e a Deus, e para explicar todo o facto da expulsão dos jesuitas da França. Veremos com effeito que as causas sam aqui as mesmas que determinaram o mesmo acontecimento em Portugal, e que os meios empregados sam tambem a calunnia, a intriga e a iniquidade. "A facilidade com que Pombal tinha podido enganar seu rei, illudir as supplicas e os decretos da santa sé e chegar quasi sem oposição á expulsão da sociedade de Jesus, foi uma animação para os adversários que ella contava na Europa. A queda dos jesuitas no reino fidelissimo despertou os odios. Não cuidaram em matal-os, porque acreditaram que a calunnia bastaria para os desembarracar d'elles. Começou uma guerra de sarcasmos e de inverosimilhanças que havia tido suas intermitencias, mas que então se desenvolveu em toda a sua extensão. Desde a origem da sociedade, havia tradição de uma cadeia não interrompida de libellos e de mentiras. Exhumiou-se esse velho passado de imposturas." Permitta-se-nos ligar á estas palavras de M. Chretineau Joly o que diz á respeito o mesmo Voltaire á quem acabamos de citar no começo d'este capítulo. Ellas sam a natural continua-

ção ou antes o complemento da ideia do illustre escriptor catholico: “Renovava-se contra elles as antigas historias do assassinato de Henrique o Grande, do suppicio do padre Guignard, etc. Tentava-se por todos os meios tornal-os odiosos.”

Até o momento emque Pombal decreta a expulsão da companhia dos dominios portuguezes, ella é verdade que não vivia em França descançada de lutas, por que d'esde a sua instituição jamais viu cessar o encarniçamento com que era perseguida (1), mas apesar d'isso permanecia em um estado sinão tranquillo, ao menos honroso e florescente, como diziam os bispos d'esse reino dirigindo-se á Luiz XV.

Entretanto a situação da França em relação aos jesuitas era para elles mais ameaçadora e mais perigosa do que o tinha sido a de Portugal. Alli fôra Pombal o unico ainda que terrivel adversario com que elles lutaram; tendo toda a nação em seu favor, elles só viam contra si o poderoso ministro. Em França porém onde o philosophismo fizera sua corte, e onde os parlamentos, a magistratura, o ministerio e talvez o throno iam dobrando o joelho ante o idolo da razão, e cahindo em esqueci-

(1) Balmés.

mento e despreso o catholicismo, os jesuitas apenas tinham em seu favor o episcopado e Clemente XIII, que de Roma tinha os olhos sobre elles, e os defendia com a coragem heroica que caracterisou o seu pontificado.

Havia-se formado contra os jesuitas uma liga terrivel cujo fim era a sua destruição, como uma preparação á queda da religião, e á ella unira-se a marquesa de Pompadour, celebre cortezã, que degradando o sceptro, e mandando com seus vicios a purpura real, concorreu para precipitar a monarchia nos desvarios que a fizeram succumbir com Luiz XV. Ella havia pretendido o lugar de dama da rainha para assim acobertar os seus escandalos, e justificar sua presença na corte, e os jesuitas nem só recusaram protegel-a n'essa aspiraçao, como até com a autoridade que lhes dava sua missão de sacerdotes, Sacy lhe negava o sacramento em quanto ella se não retirasse da corte, e os padres Perusseau e Desmarets impunham ao rei que sob a mesma pena, a expellisse de sua companhia. Era uma grande audacia, mas que não pôde ser explicada pelos principios da *moral relachada* que se lhe attribue. Si esses padres fossem o que dizem seus inimigos, elles se teriam curvado ante a impudica berregã de Luiz XV, e sacrificando a cons-

ciencia ao interesse, teriam trocado o dever pela torpesa de legitimar o crime pelo sacramento. Mas não foi assim; porque a orgulhosa marquesa que tinha á seus pés os ministros e tudo o que a França possuia de mais poderoso, viu pela primeira vez levantar-se para resistir á sua vontade, que era a do rei, a figura veneranda de um padre velho e fraco, mas cuja virtude inspirava-lhe respeito, e em cuja presença seus crimes a obrigavam a abaixar a cabeça.

Não era isto ainda tudo; a marquesa precisava da amizade dos jesuitas; desacreditada pelo ridiculo de que a cobriam os pamphletos, que aos milhares eram escriptos sobre ella, pretendia occultar-se á sombra da religião, sem reflectir que a religião não cobre sinão a virtude. A recusa portanto que os jesuitas lhe faziam dos sacramentos, longe de a levar á um rompimento immediato, a fazia duplicar de instancias; em vez de se mostrar enraivecida contra elles, ella quiz aparecer como victimada severidade de seus preceitos, como martyr do rigorismo casuistico; e com este pensamento escreve para Roma queixando-se dos jesuitas.

Transcrevemos alguns trechos de sua nota, como um documento do que temos dito acerca deste facto.

“No começo do anno de 1752, determinada (por motivos de que é inutil dar conta) á não conservar pelo rei sinão os sentimentos do reconhecimento e da inclinação a mais pura, eu o declarei á S. M., supplicando-lhe que á respeito fizesse ouvir os doutores da Surbona, e que escrevesse á seu confessor para que elle consultasse outros, afim de achar meios de me deixar junto á sua pessoa, (pois que elle o desejava) sem estar exposta á suspeita de uma fraqueza que eu não tinha mais. O rei conhecendo meu caracter, sentiu que não havia que esperar retratação de minha parte, e prestou-se ao que eu desejava. Fez consultar os doutores, e escreveu ao padre Perusseau, *o qual lhe pediu uma separação total.* O rei lhe respondeu que de modo algum consentiria n'isto, porque não era por elle que desejava um *arranjo* que não deixasse suspeita ao publico, mas para minha propria satisfação; que eu era necessaria á felicidade de sua vida, e ao bem de seus negocios; que era a unica pessoa que lhe ousava dizer a verdade, tão util aos reis, etc. O bom padre esperou n'este momento tornar-se senhor do espirito do rei, e *repetiu sempre a mesma cousa* Os doutores deram suas respostas, sobre as quaes teria sido *possivel haver o arranjo, si os jesuitas tivessem consentido.*

Fallei então á pessoas que desejavam o bem do rei e da religião; assegurei-lhes de que, si o padre Perusseau não contivesse o rei pelos sacramentos, elle se entregaria á um modo de viver de que todo o mundo se atterraria.

“Elle me prescreveu uma regra de conducta que eu observei exactamente; esta mudança fez grande estrondo na corte e na cidade; os intrigantes de todas as especies d'ella se ocuparam. O padre Sacy foi d'elles cercado, e me disse—*que me recusaria os sacramentos enquanto eu estivesse na corte.*

“O rei fez quanto lhe foi possivel para trazer o padre Desmarests á verdade da religião (1): os mesmos motivos o faziam obrar; a resposta não foi differente.”

O papa conhecendo a virtude dos jesuitas e o caracter da marquezá, nenhuma providencia tomou, como ella queria, para ser feito o arranjo pedido; e para que elle tivesse lugar foi preciso que outros padres, substituindo os

(1) Devia ser interessante vêr Luiz XV trezendo o padre Desmarats á verdade da religião; e tam interessante o absurdo como pretenderem Luiz XV, Choisuel e o parlamento dar lições de ortodoxia ao santo padre.

jesuitas no lugar de confessores, e menos es-crupulosos do que elles, segundo dizia a pro-pria marqueza, porem muito mais amigos do poder, não recuassem em abrir uma excepção ás leis de Deus em favor de Mme. de Pom-padour!!!!

O odio da poderosa *muller* era uma arma de cuja appariçao se felicitaram os inimigos da companhia, e que não tardaram á empregar contra ella.

O parlamento guerreava tambem os jesui-tas, nem só influenciado pelas doutrinas philo-sophicas que se infiltravam nas veias de toda a nação, como por um sentimento injusto de vingança. “ Elle fôra exilado em 1753, e accusava os jesuitas d'esse acto.” Os encyclo-pedistas manifestavam por suas esperanças e sua alegria por esta expressão d'Alembert, que já citamos: “ Eu não sei o que será da religião de Jesus-Christo; mas sua companhia está em máos lenções!” O duque de Choiseul e a mar-queza de Pompadour, escreve Lacretelle, fo-mentavam o odio contra os jesuitas. A mar-queza, que, combatendo o rei da Prussia, não tinha podido justificar suas pretenções á ener-gia de caracter, estava impaciente por mostrar, destruindo os jesuitas, que sabia dar um golpe d'estado. O duque de Choiseul não era menos

cioso da mesma honra. Os bens da companhia podiam cobrir as despesas da guerra, e dispensar de recorrer á reformas que entristeriam o rei e revoltariam a corte. Lisonjear ao mesmo tempo douz partidos poderosos o dos philosophos e o dos jansenistas, era um grande meio de popularidade. ”

Animados assim contra os jesuitas, uns por interesse, outros por odio, outros emfim por que viam n'elles um embaraço ao desenvolvimento de suas ideias, os diversos inimigos da companhia, constituidos assim em uma liga cujo fim unico era a sua queda, não pouavam meios de os desacreditar na opinião da nação, e de preparar o grande facto de suas aspirações. Estava para elles resolvida a expulsão dos jesuitas da França; o que restava era obterem do poder essa iniquidade. Separados pela diversidade de seus interesses, elles trabalhavam de acordo n'esse ponto.

Dous factos vieram offerecer-lhes occasião de começarem contra a companhia esse combate á que os excitava o exemplo de Portugal: o crime de Damiens e a banca-róta do padre Lavalette. Era Damiens um *ardente* jansenista, como o attestam todos os historiadores, mas os seus sectarios, querendo offerecer uma prova da doutrina regicida da companhia, at-

tribuiram esse crime á influencia sua, quando o facto de pertencer o culpado á uma seita inimiga a justificava d'essa imputação. "Meus irmãos, dizia á este respeito Voltaire, vós deveis saber que não tenho acarinhado os jesuitas, mas eu sublevaria a posteridade em seu favor si os accusasse de um crime de que a Europa e Damiens os tem justificado. Eu não seria sinão um vil echo dos jansenistas si falasse de outro modo."

Instaurado e julgado o processo de Damiens ficou desmascarada a calunnia ante a sentença dos tribunaes.

Entretanto elles continuaram á espalhar a accusação como verdadeira, e ainda hoje muita gente pensa e diz que o punhal de Damiens foi dirigido pelos jesuitas !! Quando tem lugar um crime e se quer conhecer o seu autor, diz um celebre escriptor moderno, deve se estabelecer esta questão: "A' quem interessava a practica d'esse crime?" E applicado esse principio ao facto de que se trata, poder-se-hia dizer, que convinha elle ao parlamento em luta como rei, mas não aos jesuitas, que viam n'elle um protector.

O outro facto, mas de que não justificamos inteiramente os jesuitas, foi a bancarota de Lavalette. O geral da ordem, e mais que

elle, o provincial da França, tiveram a culpa da negligencia; e nada os justifica de não exercerem a maior vigilancia sobre a casa da Martinica, cujo superior já havia sido denunciado de entregar-se ao commercio, embora se tivesse provado não ser isso então exacto.

Demoremo-nos um pouco sobre este facto; e examinemos, si um instituto pôde ser culpado das faltas de um de seus membros quando elle as condemna, e pune severamente á seu autor?

O padre Lavalette superior da casa da Martinica é em 1753 denunciado ao governo de commercial: o geral da ordem e o governo lhe determinam que se vá justificar na França, e ahi elle consegue destruir com os testemunhos de Bompar e de Hurson governadores civis da colonia a accusação que lhe faziam. (1)

Voltando á Martinica continua o padre Lavalette, assim como faziam todos os admi-

(1) Offerecemos á attenção do leitor a carta de Hurson ao geral da ordem como uma prova da conducta do padre Lavalette n'aquelle logar, e de que só o *acaso* ou falta de *conhecimento ou reflexão*, como elle mesmo confessa, o levaria á commetter a falta de que vamos tractar.

“Confesso-vos que extremamente me surprehen-

nistradores de estabelecimentos d'aquella natureza, á vender e trocar por outros os seus productos. Homem de actividade e emprehendor, Lavalette não teve a prudencia de parar onde devia. O estabelecimento florescia sob sua direcção. Elle havia contrahido grandes emprestimos para a compra de escravos, os quaes com seu trabalho faziam augmentar a producção. Sobreveiu n'estas circumstancias a peste, e d'ella perece uma grande parte; depois a guerra entre a França e a Inglaterra, que lhe faz perder muitos navios e com elles avultadas sommas; e chegando o prazo para o pagamento de suas dividas, elle se vê na impossibilidade de as satisfazer. Os credores intentam contra elle acção nos tribunaes, que julgam toda a ordem solidaria e a obrigam ao pagamento.

deu, assim como á todas as pessoas honestas d'este paiz, a ordem que tivemos de enviar para a França o padre Lavalette, e isto sobre pretexto de commercio estrangeiro. Ha tres annos que M. Bompar e eu governamos esta colonia, e longe de haver tido a mais leve suspeita contra o padre Lavalette á esse respeito, nós lhe temos feito sempre n'esse ponto a mais completa justiça, assim como sobre tudo o mais que se refere á seu ministerio. Elle teve aqui inimigos que clamaram junto do ministerio, e obtiveram por surpresa a ordem em questão.

" E eu vos asseguro e juro que jamais o padre

Então tiveram os jesuitas o erro, a imprudência, e diremos mesmo a fraqueza de appellar para o parlamento da sentença que condenava toda a ordem á ser solidaria com Lavalette, solidariedade que era contraria não só á sua constituição, como ao direito civil.

Entretanto de sua parte o geral da ordem providenciava sobre o facto como lhe cumpria. O padre Francisco de La Marche é enviado e chega á Martinica na qualidade de visitador, e depois de fazer as necessarias investigações, e de conhecer da culpabde Lavalette, profere a sentença seguinte, em que o pune severamente, e por onde se vê que a companhia, em vez de occultar e proteger as faltas de seus membros, as castigava publica e rigorosamente.

“ Depois de estar convenientemente informado, tanto pelos nossos padres como pelos

Lavalette fez commercio estrangeiro. Isto é testemunhado por M. de Bompar por mim e por todas as pessoas do lugar. Podeis estar certo d'isto e dizel-o em alto e bom som, porque quanto mais estas cousas forem esclarecidas, mais sua innocencia e a maldade horrivel de seus accusadores serão patentes.”

“ Si eu não estivesse certo da perfeita innocencia do padre Lavalette e de sua conducta, affirmo-vos que não fallaria tam afirmativamente.”

estrangeiros, da administração do padre Antonio Lavalette, desde que elle obteve a gestão dos negocios da missão da companhia de Jesus na Martinica; depois de haver interrogado o dito padre Lavalette diante dos principaes padres da missão e de o ter ouvido sobre as principaes accusações á elle feitas: e visto constar d'estas informações :—1.^o que elle se entregou á actos de commercio, ao menos quanto ao fóro externo, em despreso das leis canonicas e das leis particulares do instituto; 2.^o que occultou o conhecimento desse negocio á nossos padres na Martinica, e particularmente aos principaes superiores da sociedade, etc. Nós, tendo deliberado em um justo exame, e muitas vezes e maduramente com os padres mais experimentados da missão; tendo dirigido á Deus as mais vivas supplicas; e em virtude da auctoridade que nos foi delegada, e da opinião unanime dos padres:—1.^o queremos que o padre Antonio Lavalette seja privado absolutamente de toda a administração tanto espiritual como temporal; 2.^o ordenamos que o dito padre seja o mais cedo possível enviado para a Europa; 3.^o o declaramos interdicto á *sacris*, até que elle seja absolvido d'esta interdição pela autoridade do reverendissimo padre geral da companhia de Jesus, no qual re-

conhecemos todo o direito sobre nosso julgamento."

O padre Lavalette, confessando a propria culpa e a justica da sentença que a punia, fez a seguinte declaração, que é um documento importante da innocencia da companhia na sua falta, e de que, extranha ao negocio, ella só interveio n'elle para julgar e condemnar o culpado.

" Eu abaixo assignado attesto reconhecer sinceramente em todos os seus pontos a equidade da sentença proferida contra mim, bem que fosse por falta de conhecimento, ou de reflexão, ou por uma especie de acaso, que me aconteceu fazer um commercio profano, ao qual renunciei no mesmo instante em que reconheci quanta perturbação tinha elle causado na companhia e em toda a Europa. Attesto ainda sob juramento que entre os primeiros superiores da companhia nenhum me auctorou, ou aconselhou, ou approvou o commercio que eu tinha emprehendido, nem teve n'elle a menor parte ou connivencia. E por isso, cheio de arrependimento e de confusão lhes supplico que a sentença dada contra mim seja publicada e promulgada, assim como este testemunho de minha falta e de meus remorsos. Em fim eu tomo á Deus por testemunha de

que não sou levado á esta confissão nem por força, nem por ameaças, nem por pedidos ou outros artifícios, mas que a faço com plena liberdade, afim de render homenagem á verdade, e de repellir, desmentir e aniquilar, quanto posso, as calumnias que por esta occasião tem sido levantadas contra a companhia.”

Não absolvemos inteiramente a companhia quando n'ella tem lugar um facto d'essa natureza, e que poderia ser evitado pela vigilância dos superiores; mas em vista d'esses documentos é força não fazel-a responsável por uma falta que ella assim reprova, e a qual o proprio culpado confessava que ella ignorava.

Vejamos porem como o parlamento julga a appellação para elle interposta pelos jesuitas da sentença que julga toda a companhia solidaria com Lavalette. Elle condenou “o geral, e em sua pessoa, o corpo e sociedade dos jesuitas á pagar tanto o principal como os juros e as despezas das letras de cambio que n'io estivessem pagas em um anno á contar do dia da significação do presente decreto; e na falta desse pagamento, ordenou que o dito geral e a sociedade ficassem obrigados, garantes e responsaveis pelos juros da lei, e pelas custas de todos os processos; ao contrario em virtude do presente decreto, e sem que seja

preciso outro, permittia ás partes de se apoderarem, para o pagamento das condenações ácima, dos bens pertencentes á companhia de Jesus no reino.”

Em logar de qualquer reflexão nossa sobre este acto do parlamento, o commentamos com o juizo muito competente de Boyer d' Eguelles: “Eis aqui cousas, senhor, que eu desejaria occultar á mim mesmo. Ellas me tem surprehendido, tanto mais quanto eu não devia esperal-as de um corpo de magistrados, todos cheios de honra e probidade, e entre os quaes certamente, não ha um só que fosse capaz da menor falsidade, da menor injustiça por um interesse pessoal. Parece que os excessos que se practica em corporação, não pertencem á ninguem: a iniquidade partilhando-se, desaparece, e ousa-se tudo porque de nada se crê responsavel pessoalmente.....

.....
o negocio dos jesuitas acaba de offerecer ao mundo um exemplo d'isso.”

O que queria entretanto o parlamento fazer com esse decreto? Seria fazer justiça aos credores de Lavalette, obrigando a companhia á satisfazer os seus debitos? Mas que explicação pode ter n'esta hypothese o decreto que se lhe seguiu declarando-a insolvável,

quando ella em virtude d'aquelle sentença tratava de satisfazer á seus credores?

Si era este o fim do decreto, como até hoje não foram pagos os credores de Lavalette da quantia de pouco mais de dous milhões, quando só a casa de Martinica foi vendida aos inglezes por quatro milhões, e a confiscação dos bens da companhia no reino importou em cincoenta e oito milhões? E' evidente que a questão commercial havia-se tornado religiosa, e que o decreto do parlamento só teve por fim a destruição da companhia.

O parlamento para julgar a apelação interposta da decisão dos tribunaes do reino, havia julgado preciso examinar a constituição do instituto, e o que mais admira é que as provas apresentadas na questão puramente commercial dos credores de Lavalette podessem fundamentar a suppressão das congregações, e as inumeras iniquidades que n'essa ocasião tiveram lugar.

Que faziam entretanto os jesuitas em face d'essa tempestade que ameaçava aniquilar a companhia? Qual era o seu papel em face de seus crueis e perfidos inimigos? Elles conhecem que nada podem fazer que desvie as desgraças que pendem sobre suas cabeças, que sua defesa é inutil contra adversarios que de

má fé os accusam de culpas phantasticas só para os destruir, e firmes na sua innocencia esperam o golpe com resignação e firmesa.

Clemente XIII é quem se apresenta para defendel-os. Elle escreve ao rei e lhe supplica em nome da igreja, da religião, e do bem da França, que opponha sua autoridade aos excessos do parlamento. Luiz XV não é surdo á voz do successor de S. Pedro, mas não tem a energia precisa para lutar com os inimigos da companhia. Entretanto elle tenta salval-a. Um dos motivos por que se queria destruir os jesuitas, era o grande poder que se dizia exercer em França o geral da ordem; elle propõe uma reforma n'este ponto, e pede a nomeação de um vigario geral, para vêr si assim modificava o furor do parlamento, e si com a reforma evitava a destruição da companhia. A reforma porém era impossivel, por que atacava a constituição do instituto e mudava a sua natureza; era a destruição do principio de subordinação immediata que tinha cada jesuita para com o seu chefe. O episcopado pronuncia-se unanime contra ella, o papa a reprova; e o geral da ordem, o padre Ricci, repete as palavras de Clemente XIII: "*Sint ut sunt aut non sint.*"

A' 28 de janeiro de 1762 dirige o ponti-

fice á Luiz XV o seguinte breve: " No mez de julho ultimo escrevemos uma carta a V. M. na qual vos rogámos que concedesseis da maneira mais efficaz vossa real protecção aos religiosos da companhia de Jesus, estabelecidos em vossos florescentes estados, visto que nada mais era preciso para os pôr á coberto da tempestade que se tinha levantado contrá elles. A resposta de V. M. nos honrou e encheu de consolação pela esperança que nos deu de que com o favor de vossa autoridade, a serenidade e a calma succederiam á tempestade. . . .

" Mas qual foi a nossa surpreza e nossa dór quando soubemos que se tomava para chegar á esse fim, meios tam proprios de desvial-o ! Sabemos que o cardeal de Rochechouart, embaixador de V. M., requer em vosso nome ao geral da sociedade a nomeação de um vigario geral para os jesuitas da França. Isto não está na jurisdição do geral, e á nós mesmo, com todo o nosso poder, não nos é dado autorisal-a. Seria uma alteração substancial no instituto, aprovado por tantas constituições de nossos predecessores e até pelo santo concilio do Trento. Este exemplo levaria á tam funestas consequencias, que o menor mal á esperar d'elle seria a destruição de um corpo, que durante duzentos annos, tem sido tam

util á igreja, principalmente por sua união e inteira dependencia de seu chefe. Esta união, senhor, e esta dependencia, por mais que digam os mal intencionados, jamais perturbou a tranquillidade publica, nem em vosso reino, nem em algum outro. Mas o que é verdade é que em todos os tempos, tanto como agora, ella tem feito um mal immenso aos inimigos da religião e aos refractarios, que se vêem atacados em toda a parte por uma numerosa sociedade de religiosos, cuja occupação é a piedade e as sciencias, e que cheios de zélo não cessam de combater o erro e o espirito d'independencia.

“ Eis-ahi por que elles tem feito todos os exforços imaginaveis para a destruir, empregando a impostura e a calumnia, por não acharem na verdade armas sufficientes. Mas como não tem podido consegui-lo por todos os meios de que se têem servido, elles imaginaram outro, e é romperem os laços que unem os membros desta sociedade, por que o rompimento d'esses laços arrastaria necessariamente sua ruina.

“ Vós tendes herdado, senhor, de vossos avós o titulo de filho primogenito da igreja; por vossas felizes inclinações, mereceis o de defensor da religião. Por estes doulos titulos, ninguem mais do que vós, deve desejar conservar em toda a sua integridade uma socieda-

de que tanto contribue para o fim que consideraes como o mais essencial de vosso governo.

“ E’ por isto que com lagrimas supplicamos á V. M. que não permitta que em seus estados se faça a menor alteração no instituto da companhia de Jesus, nem que se separe, quer em apparencia, quer na realidade d’esse corpo uma de suas partes mais consideraveis. E’ o que nos sentimos levados á esperar da piedade e do amor filial de V. M.”

Este acto do papa levou Luiz XV á fazer mais um esforço pela causa dos jesuitas. E’ claro que pela vontade de rei elles nada teriam soffrido. (1) Choiseul influenciado por M. de Pompadour, e influindo sobre o parlamento, era a alma da perseguição. (2)

(1) “ Eu não amo cordialmente os jesuitas, dizia elle fazendo algumas observações sobre o decreto da expulsão, mas todas as heresias os tem detestado, o que é o seu triumpho. Para a paz do meu reino, eu os expulso á meu pesar, porém ao menos não quero que se creia que tenho adherido á tudo quanto os parlamentos tem feito e dito contra elles.” Eis-ahi a convicção intima do rei Luiz XV sobre os padres da companhia; admira porém que a mão que escreveu estas palavras, tivesse a fraqueza de assignar o decreto de sua condenação.

(2) “ O governo francez tinha sempre concedido

O rei offerece ao parlamento um decreto regulando em França a autoridade do geral dos jesuitas. Era a morte da ideia da nomeação que se pedira de um vigario geral; o parlamento recusa o decreto por conselho secreto de Choiseul, segundo affirma Sismondi, e Luiz XV tem ainda a fraqueza de o retirar.

De nada podia servir á companhia a protecção do rei fraco, que não sabia resistir á audacia do parlamento que desprestigiaava a monarchia, e cujos actos eram outros tantos ataques ás prerrogativas da corôa; que se deixava dominar por uma cortesã impudica a cujos favores sacrificava os direitos de seus subditos; e que era governado por um ministro cuja grandesa provinha de sua pusilanimidade.

“ Senhor, escreve ainda o pontifice á Luiz

uma protecção particular á essa celebre sociedade, que educava a mocidade na obediencia ás leis e no conhecimento das artes, das sciencias e das bellas letras. Choiseul só a entrega ás perseguições dos parlamentos, seus inimigos, e a mocidade aos systemas da philosophia ou á influencia das opiniões aindamais perigosas dos parlamentos. A destruição dos jesuitas deixou um vacuo que, com grande prejuizo da educação da mocidade e das sciencias, nenhuma corporação poude ainda encher.”

Palavras de Luiz XVI.

XV, nós viemos implorar a poderosa protecção de V. M. Mas não é só em favor dos religiosos da companhia de Jesus, ou por seu interesse que a imploramos; é para a propria religião cuja causa está estreitamente ligada á sua.”

“ Ha já muito tempo que os inimigos da santa religião tem por objecto a destruição desses religiosos, e a tem considerado como absolutamente necessaria ao resultado de sua conspiração. Ei-los no momento de realisar seus projectos. Nós deploramos com a mais viva dôr o aniquillamento d'esta ordem, que está proximo nos estados de V. M., onde estes religiosos se empregam tam utilmente na educação da mocidade, no ensino da sam moral e em todas as obras de piedade que elles cultivam e que sustentam a religião.

“ Trata-se com effeito dos direitos mais sagrados da religião, quando as potencias da terra pretendem entrar no sanctuario, erigindo-se em mestres da doutrina, fazendo-se arbitros e juizes dos laços mais solemnes, pelos quaes o homem se consagra á Deus, e condenando com as qualificações as mais injuriosas as regras d'uma sociedade de religiosos, regras solememente louvadas e approvadas pela sé apostolica, que é esta cadeira a qual Jesus-

Christo prometteu sua assistencia e suas luzes para a conducta de seu rebanho.”

Era debalde que o santo e piedoso pontífice appellava para Luiz XV, porque os dados estavam lançados e a iniquidade ia ser consumada. O parlamento sem temer a autoridade do rei, e despresando-a talvez, ia sacrificar a companhia em honra da impiedade. Que lhe importavam as supplicas e as lagrimas do venerando pontifice, as reclamações dos bispos, e a innocencia dos padres, si era preciso que aquella victima fosse immolada em holocausto ao idolo da razão?

Os examinadores da constituição da companhia descobrem n'ella mil perigos para a ordem social, e d'ahi expõe ao parlamento mil exigencias que elle deve fazer aos jesuitas. Aprecemos os documentos, e vejamos a mansidão evangelica, a docura e resignação dos jesuitas em frente de seus algozes no momento mesmo de receberem de sua mão a sentença injusta e cruel de sua expulsão.

O parlamento lhe apresenta a seguinte declaração para que elles a assignem e com ella conformem seus actos.

“1.º Que em nenhum caso e lugar, sob pretexto de tyrannia ou desordem, de perseguição ou de religião, ou qualquer outro, é per-

mittido á pessoa alguma, seja qual fôr o seu estado e condição, attentar directa ou indirectamente contra á pessoa dos soberanos, e dizer, escrever, insinuar, favorecer ou fazer alguma cousa que possa offendêr á uma *autoridade que elles não tem sinão de Deus* (1); que condemnarão e detestarão como perniciosa e digna da execração de todos os seculos toda doutrina contraria, qualquer que seja a obra em que se ache, principalmente nas que forem compostas por um membro da companhia;

2.^º Que receberão a doutrina do clero de França declarada em sua assembléa de 1682; que por conseguinte ensinarão sempre, que o poder dado por Jesus-Christo á S.Pedro e seus sucessores e á igreja mesma, é puramente espiritual e não se estende sinão sobre o que pertence á salvação eterna; que elle não tem poder algum no que diz respeito ao temporal, e que assim o poder dos soberanos no temporal é de tal modo independente de todo o poder espiritual, que em caso algum, por qualquer causa e sob qualquer pretexto, podem ser elles directa ou

(1) A imposição aos jesuitas deste principio contido em suas doutrinas, e em cuja sustentação elles tanto se exforçavam, seria uma inutilidade, si não fosse ahi apresentada para fazer crer que os jesuitas o repelliam.

indirectamente depositos pelo poder das chaves, nem seus subditos desligados do juramento de fidelidade; (1)

3.^º Que sam e serão sempre e em toda parte submissos ás leis e ordenanças, regulamentos e usos do reino, assim como todos os subditos do rei tanto ecclesiasticos como seculares, como tambem ás regras de disciplina e ao direito commum ecclesiastico; como tem lugar no reino com os outros religiosos, sem que possam emprehender cousa alguma contraria ao direito dos bispos, curas, universidades, etc; nem fazer uso de nenhum privilegio, sinão conforme e nos termos das leis e maximas do reino;

4.^º Que si, o que Deus não permitta,lhe fôr ordenado por seu geral ou por alguma de suas autoridades qualquer cousa contraria ás declarações acima feitas, á seu dever para com seu soberano, ás leis do estado ou á tranquillidade publica, considerarão sempre taes decretos ou actos como illegitimos e nulos de pleno direito, e que serão e se julgarão obrigados á não lhes prestar obediencia.

(1) O parlamento teve sem duvida em vista estes principios, quando declarou nulos os votos puramente espirituales, que ligavam os jesuitas á seu instituto....

Os jesuitas respondem: "Nós abaixo assignados, provincial dos jesuitas de Paris, superior da casa professa, reitor do collegio de Luiz o Grande, superior do noviciado, e outros jesuitas professos, mesmo dos primeiros votos, residentes nas ditas casas, renovando, como é de necessidade, as declarações feitas pelos jesuitas de França em 1626, 1713 e 1757, declaramos deante dos senhores cardeaes, arcebispos e bispos que se acham actualmente em Paris, reunidos por ordem do rei, para darem á S. M. sua opinião sobre muitos pontos de nosso instituto:

1.º Que se não pôde ser mais submissos do que nós somos, nem mais inviolavelmente ligados ás leis, ás maximas e aos usos do reino sobre os direitos do poder real, que quanto ao temporal, não depende directa nem indirectamente de poder algum sobre a terra, e só tem Deus acima de si, reconhecendo que os laços, pelos quaes os subditos se ligam á seu soberano, sam indissoluveis; que condemnaremos como perniciosa e digna da execração de todos os seculos a doutrina contraria á segurança da pessoa dos reis, não só nas obras dos theologos de nossa companhia, que a adoptarem, como tambem nas de qualquer theologo;

2.º Que ensinaremos (1) em nossas lições de theologia publicas e particulares, a doutrina estabelecida pelo clero de França nas quatro proposições da assembléa de 1682, e que jamais ensinaremos cousa alguma que lhe seja contraria;

3.º Que reconhecemos que os bispos de França teem direito de exercer sobre nós toda a autoridade que, segundo os santos canones e a disciplina da igreja gallicana, lhe pertence sobre os regulares; que renunciamos expressamente á todos os privilegios á isto contrarios, que tenham sido concedidos á nossa sociedade, ou que de futuro o possam ser;

4.º Que si, o que Deus não permitta, acontecer que nos seja ordenado por nosso geral alguma cousa contraria á presente declaração, persuadidos de que sem peccado podemos fazel-o, nós consideraremos estas ordens como illegitimas, nullas de pleno direito, e á que não poderíamos nem deveríamos obedecer em virtude das regras de obediencia ao geral taes co-

(1) Pela expressão ensinaremos—Os jesuitas salvam a liberdade de suas convicções; elles não dizem *eremos* na doutrina do clero de França, mas ensinaremos, o que por modo algum significa sua adhesão ás liberdades gallicanas.

mo nos sam prescriptas por nossas constituições.”

E’ por esta forma que a companhia manifesta ao parlamento os seus sentimentos sobre as opiniões que elle lhe attribue, e em que finge vêr perigo para o poder temporal. Estas declarações porem, que não significam sinão o pensamento sincero dos jesuitas, sam recebidas como um signal de temor e como uma concessão á cujo preço elles se queriam manter.

Os bispos reunidos pelo rei para darem seu parecer sobre a utilidade dos jesuitas, sobre as vantagens ou inconvenientes que podiam resultar das funcções que lhe eram confiadas, sobre sua conducta em relação ás leis do estado e á religião, e sobre a autoridade do geral em França, ultima tentativa do bom porém fraco coração de Luiz XV em favor dos jesuitas, respondem dando um brilhante testemunho de suas virtudes e da necessidade de sua existencia, e supplicando com instancia ao rei pela sua conservação. O bispo de Puy Lefranc de Pompignan, exprimindo a opinião do episcopado, falla assim ao monarcha: “ Senhor, nunca é tarde para um bispo representar a verdade á um soberano que a ama. Jamais é inutil deplorar á seus pés abusos que

parecem consummados. Os inimigos dos jesuitas triumpham; mas em quanto elles se embriagam em uma alegria, cujo termo e duração Deus conhece, os espiritos rectos, os verdadeiros cidadãos, as almas virtuosas estam em consternação. Suas modestas queixas sam abafadas por clamores que retumbam de uma extremitade á outra de vossa reino. Si fosse entretanto preciso recolher os votos, ver-se-hia que o numero de vossos subditos, senhor, que gemem pelos excessos commettidos contra os jesuitas, é superior ao d'aquelles que os approvam....”

.....

“Até aqui eu não tenho feito outra cousa sinão prestar minha voz ao povo cuja conduta espiritual me foi confiada. Elle não tem, senhor, outra boca alem da minha para vos exprimir seus gemidos. Mas um bispo deve á maiores interesses sua principal attenção. A igreja ferida em sua autoridade; uma seita por ella condemnada, exercendo seu credito e sua vingança; a impiedade, protegida por estas desgraçadas perturbações, augmentando sua audacia e applaudindo-se de suas victorias: eis-aqui os objectos que os primeiros ministros do sanctuario sam obrigados á offerecer á consideração de V. M.

“Os prelados, señor, consultados por V. M., unanimes na vontade de conservar os jesuitas, tem quasi todos (1) louvado, sem restrição, seu instituto. Os menos favoraveis não desejam sinão alterações insignificantes. Seus irmãos espalhados nas provincias, concordam em que não encontram para os ajudar obreiros mais exemplares na conducta, mais infatigaveis no trabalho e mais subordinados na gerachia do que os jesuitas.”

O parlamento cerrou os ouvidos á voz do episcopado e a perseguição continuou. Impondo aquellas declarações aos jesuitas, supoz o parlamento que elles não as aceitassem e que seria esta a occasião de descarregar o golpe; os jesuitas porem nada vendo alli que contrariasse as suas idéas á respeito do poder temporal, da monarchia, e da ordem publica, pre taram sua assignatura, e se obrigaram á observar os principios alli estabelecidos. Si pois o parlamento tivesse em vista com aquele acto garantir o estado contra o perigo de

(1) Reuniram-se 51 bispos dos quaes só 5 foram de voto contrario aos jesuitas. Alem dos 46 que na assembléa se pronunciavam em favor dos jesuitas, 70 bispos dirigiram ao rei manifestações, em que pediam a sua conservação.

Collecção Artisan
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

que o ameaçavam aquelles *poderosos e terríveis inimigos*, ter-se-hia satisfeito com a adhesão dos jesuitas á suas imposições.

Não aconteceu porém assim, porque á este seguiram-se muitos outros actos do parlamento, que tendiam á reduzir os jesuitas á ultima extremidade. Não contente com a primeira declaração, elle exige que os jesuitas, sob pena de exilio, alem de sustentarem os principios da igreja gallicana, jurem observar uma infinidade de preceitos todos contrarios ás regras de seu instituto, e ás doutrinas catholicas.

Os padres recusam-se á isto: era uma desobediencia é verdade, mas que lhe era prescrita pelo seu dever de sacerdotes catholicos, pelo seu voto religioso, e pelas ordens do geral e do papa (1). O parlamento porém o

(1) "Senhor,dizem elles dirigindo-se ao rei,o vosso parlamento de Paris acaba de expedir um decreto em que ordena que todos os que compunham a sociedade dos jesuitas, e que se acham actualmente na jurisdição d'esta corte, prestem o juramento exigido.

" Quanto ao ultimo artigo, senhor, que diz respeito á segurança de vossa pessoa sagrada, todos os jesuitas, dispersos em vosso reino, estam promptos á assinal-o até com seu sangue. Só a suspeita, que se parece formar sobre seu sentimento á este respeito,os enche de afflição, e não ha testemunhos, não ha segurança

que queria ? Não é uma violencia á consciencia, uma crueldade , exigir que o ministro de uma religião seja sustentador e propagador de ideias e principios offensivos e destruidores de sua fē, de suas crenças, e da propria ordem á que pertence ??

Schoell, escriptor imparcial, e mais inclinado pelos principios protestantes que professa á contrariar do que á favorecer os jesuitas, julga assim o decreto do parlamento :

“ Este decreto do parlamento traz visivelmente o caracter da paixão e da inju-tiça para não ser desapprovado por todos os homens de bem desprevenidos. Exigir dos jesuitas a obrigação de sustentar os principios

que elles não quizessem dar ao mundo inteiro para o convencer de que em materia de obediencia, de fidelidade, de submissão, de dedicação á vossa pessoa, elles sempre tiveram, tem e terão os melhores principios, e que se creriam felizes de dar sua vida pela conservação de V. M., pela defesa de sua autoridade, e pela sustentação dos direitos de sua corôa.

“ Sobre os outros artigos contidos na formula do juramento exigido, os jesuitas tomam a liberdade de representar humilde e respeitosamente á V. M. que sua consciencia não lhes permitte aceitá-los; que si os votos pelos quaes se tinham ligado á Deus; segundo o instituto que abraçaram, se acham cassados e annullados pelos decretos dos tribunaes seculares, esses

a que se chama “ liberdades da igreja gallicana,” era um acto de tyrannia; porque, por mais respeitaveis que pareçam estes principios, não eram entretanto, segundo a opinião dos mais sabios doutores, sinão problematicos, ainda que provaveis, e de modo algum artigos de fé. Querer forçar os jesuitas á reprovar os principios de moral da ordem, era decidir arbitrariamente um facto historico manifestamente falso. Mas nas infermidades do espirito humano, como a que affectava a geração de então, a razão se calla, e o juizo é obscurecido pelas prevenções. Os jesuitas oppuzeram a resignação ás perseguições contra elles dirigidas. Estes homens que se dizia tam dispostos á fa-

mesmos votos subsistem no fôro interno; que assim os jesuitas sam obrigados perante Deus á cumpril-os tam bem quanto lhes fôr possivel; que á vista disto elles não pôdem sem violar o primeirº juramentº que prestaram á face dos altares, prestar outro, tal como o que é enunciado na seguinte formula: “ De não viver d'hoje em diante em commum ou separadamente sob o imperio do instituto e das constituições da sociedade de Jesus, de não entreter correspondencia alguma com o geral e superiores da dita sociedade ou outras pessoas por elles nomeadas, nem com algum de seus membros residentes em paiz estrangeiro.”

“ Um escripto mais longo e mais minucioso poria sob os olhos de V. M. todas as consequencias d'esse

zerem jogo da religião, recusaram prestar o juramento que lhes era exigido. De quatro mil padres que existiam em França apenas cinco se submeteram a elle." Que gloria não é para a companhia ouvir assim fallar um protestante! Que compensação á seus sofrimentos, que consolação á suas magoas não é esse juizo da posteridade!! Innocentes e santos sacerdotes, pacificas victimas das paixões de seus inimigos, elles são perseguidos, experimentam toda a sorte de crueldades e sorvem até as fezes o calice da amargura. Temos visto como seus adversarios descarregam contra elles golpe sobre golpe, e sem que um acto de hostilidade seja por elles praticado. Dizem que é

juramento; consequencias que a honra e a consciencia não permitem aos jesuitas admitir. Si elles fossem bastante desgraçados para se ligarem por obrigações tam contrarias á seu estalo, incorreriam na colera do céo, na indignação dos homens de bem, e V. M. não poderia consideral-os como sublitos dignos de sua protecção.

"Isto posto, senhor, V. M. é muito humilde e respeitosamente rogado de pôr os jesuitas de seu reino, esses homens tam fieis e tam infelizes á salvo das perseguições de vosso parlamento de Paris e de todos os outros; e elles não cessarão de dirigir ao céo as mais fervorosas orações pela conservação de V. M. e pela prosperidade de seu reino."

uma sociedade poderosa, e a destróem sem a menor difficuldade; que para conseguir qualquer fim não escolhe os meios que emprega, mas nem para conservar-se ella emprega outros que não sejam a paciencia e o sofrimento.

D'Alembert reconhece o caracter inofensivo da companhia quando, descrevendo os actos de injustiça contra ella praticados, diz:—
“ Os jesuitas poderiam dizer á St.-Ignacio: *Meu pai perdoai-lhes, porque elles não sabem o que fazem.* O que me parece singular é que a destruição d'esses fantasmas que se julgava tam terríveis, se realise com tam pouca difficuldade. A tomada do castello d'Arensb erg não custou mais aos Hanoverianos do que a dos bens dos jesuitas á nossos senhores do parlamento.”

De feito nunca um inimigo que se descreveu tam terrivel e poderoso, foi destruido com tamanha facilidade !

Não sabendo oppôr aos excessos do parlamento sinão a paciencia do martyrio, não podendo resistir á sua injustiça sinão soffrendo-a, preferem o exilio ao sacrilegio, e esperam com os olhos em Roma e no céo as crueldades da tyrannia. E ellas não tardaram.

Por uma serie de decretos que se succee-

dem apressadamente, suas constituições sam declaradas impias, seus collegios feichados, seus noviciados destruidos, seus bens tomados, seus votos annullados; e privados dos direitos de cidadão, vam no exilio receber a paga de seus serviços.

O papa exprime assim a dôr que lhe punge o coração piedoso de pai dos fiéis. "Magistrados seculares usurpam o ensino doutrinal que não foi confiado sinão aos pastores d'Israel, sinão aos guardas vigilantes do rebanho. Usurpam-n'o em despeso d'este oraculo: *os labios do sacerdote guardarão a sciencia, e é de sua boca que os povos apprenderão a lei.* Caluniam e reprovam o instituto dos clérigos regulares da companhia de Jesus, um instituto piedoso, util á igreja, á tam longo tempo aprovado pela sé apostolica, e que tem obtido dos pontífices romanos e do concilio de Trento louvores immorredouros... Lançam o opprobrio sobre a regra d'esta sociedade, condena-n'a como contraria ás leis divinas e humanas, prescrevem-n'a e a votam ás chamas. E em-fim, é terrível dizel-o, os membros d'este corpo religioso, que fizeram voto de seguir sua regra, e que prosternados ao pé do altar, com os mais solemnnes juramentos, supplicaram ao Deus omnipotente de ser testemunha e garan-

te de sua promessa, sam d'elle dispensados; e por um execravel attentado, até aqui sem exemplo, lhes é prohibido sob as penas mais graves cumprir os votos que *seus labios pronunciaram e que o Eterno recebeu*....

“ Que direi eu ainda ? Arrogando-se com a mais culpavel temeridade um poder que não pertence sinão ao vigario de Jesus-Christo, seculares cassam e annullam os votos da sociedade de Jesus em França. Vendem seus bens, á despeito das immunidades ecclesiasticas, despojam-n'os de seu habito, privam-n'os de seu nome e interdizem-n'os de toda a relação com seus irmãos; tira n-lhes toda esperança de obter um beneficio ecclesiastico, ou um emprego temporal, si, entre outras condições, elles não juram sustentar e defender as quatro famosas proposições que contém a declaração... publicada pela assembléa do clero de França de 1682, proposições que nosso predecessor Alexandre VIII desapprovou e annullou.”

Ao passo entretanto que a sé apostolica, reprovando a conducta dos inimigos da companhia, si não a pôde salvar de sua perseguição, restabelece e salva ao menos o credito e a honra do instituto, o parlamento e Choiseul mandam escrever contra os jesuitas libellos diffamatorios em que elles sam apresentados

como uma associação de criminosos, que não recuam ante os mais horrendos artifícios e que sam capazes dos maiores attentados. Passando da analyse do decreto do parlamento á essa nova phase da perseguição, diz Theiner:— “Uma violencia não esperava outra; toda a França foi innundada de libellos diffamatorios contra a sociedade. O mais detestavel foi o que tinha por titulo:—*Extractos das asserções perigosas e perniciosas em todo genero, que os pretendidos jesuitas tem em todos os tempos e perseverantemente sustentado, ensinado e publicado* (1). A calumnia e a maldade reinam do principio ao fim d'esta obra; não ha crime de que se não a accuse. Nunca a má fê chegou mais longe.”

E o parlamento por um cruel sarcasmo, ou um verdadeiro insulto, como qualifica Ravignan á este acto, envia esse extracto, não dos crimes da companhia, que os não tinha, mas das falsidades que lhe imputavam, a todos os bispos da França, os quaes, consequen-

(1) A prova evidente de que esse pamphletº foi escripto por ordem do parlamento, é não só a conformidade de seus termos com os do decreto que expulsa os jesuitas, como a identidade das imputações que n'um e n'outro lhe sam feita.

tes com o juizo que já haviam manifestado sobre os jesuitas, o reprovam indignados. Entre elles o arcebispo de Paris, cheio de coragem, energicamente o condena aos olhos mesmo do parlamento, e prohíbe sua leitura á seus diocesanos, o que, como affirma o escriptor que acabamos de citar, lhe mereceu os raios do parlamento e a pena de exilio. Mas que lhe importava soffrer um castigo, que lhe resultava do cumprimento de seu dever? Que lhe importavam os homens, si elle, como dizia, *tinha aprendido á temel-os menos do que á Deus ??* "Que accrescentaremos aqui, ternos e caros irmãos, diz o arcebispo, para fazer conhecer nossas disposições a respeito de uma sociedade religiosa que experimenta hoje tantas contradições? Estamos convencidos de que seu instituto é pio, como o declarou o concilio de Trento; de que é veneravel, como o pensava o illustre Bossuet Sabemos que a doutrina do corpo inteiro jamais foi corrompida, e estamos muito longe de considerar o *resumo das asserções* como o resultado do ensino proprio dos jesuitas. Emfim, nós o repetimos, no estado de sofrimentos e humilhações á que elles estam reduzidos, consideramos sua sorte felicissima, porque aos olhos da religião é infinitamente precioso não ter nada de que se

censurar no meio das tribulações que se experimenta . . . ”

“ N'esta instrucção, ternos e caros irmãos, nosso principal objecto é preencher a indispensavel obrigação em que estamos de reclamar os direitos sagrados de nosso ministério . . . Nós temos d'elle aprendido á temer mais á Deus do que aos homens.”

Todos esses honrosos testemunhos em favor dos jesuitas em vez de fazerem o parlamento reconsiderar em seus actos, produziam o efecto contrario. Dominado pela paixão, era cego á justiça.

Por seu lado os jesuitas, resolvidos antes á aceitar o banimento do que a sacrilega violaçao de seus juramentos, não oppuzeram o menor embaraço á execuçao do famoso decreto. Typos de virtude, e accusados de todos os crimes, *sustentadores da monarchia*, como lhes chamava Schoell, e culpados de regicidas, *baluartes da igreja*, como os qualifica Ranke e destruidos para o bem da igreja !! Expulsam-n'os da França para a cobrirem de sangue poucos annos depois; separam-n'os do throno para em breve fazerem expirar a monarchia no cadafalso; roubam-n'os á igreja para a escravisarem, e para a humilharem ante o poder civil!

A companhia não luta para conservar-se; ella sofre todos os ataques de seus inimigos na maior passividade. Entre tantos talentos cultivados e poderosos que possue, nenhum se apresenta para defendel-a. Será por que não podesse ser defendida ? Mas sabe-se que não ha causa, por peior que seja, que se não possa defender. Não; os jesuitas quizeram seguir o exemplo do martyr do Calvario, cujo silencio em frente das accusações de seus algozes foi uma das provas de sua innocencia. Um des filhos da ordem declarando, que elle e seus irmãos haviam tido proibição do geral para escrever em defesa da companhia, diz, “que não sabe qual fôra mais *cega*, si a proibição, si a obediencia.” E mesmo assim, affirma M. Chretineau Joly, dous padres foram executados por se dizer que tinham censurado os actos do parlamento. Todavia si elles não combatiam nem por meio de discussões, nem pelo ouro, nem pelo empenho, nem por qualquer outro meio contra as perseguições de seus inimigos, tambem não queriam uma existencia comprada á preço da violação do seu dever, á preço da renegação d'aquelles mesmos principios pelos quaes tantas vezes haviam derramado seu sangue. Sustentadores da moral catholica, n'aquelles tempos de impiedade, elles ca-

hiram victimas de sua dedicação á virtude e á religião. Apostolos do Senhor, sacodem o pó dos sapatos, deixam a França no prazo de 15 dias, na forma do outro decreto; e perdoando á seus algozes, caminham para o exilio cheios de tristeza. Um d'elles, o padre Beauvais, escreve ao partir essas tocantes palavras:—“E' para fóra do reino, meu caro amigo, que me é forçoso partir. Tenho passado trinta e cinco annos á formar cidadãos e deixo de sel-o. E'-me preciso na idade de sessenta e douz annos buscar um retiro e acabar n'um paiz estrangeiro uma vida, da qual quarenta e douz annos foram consagrados ao serviço da patria. Na alternativa rigorosa do exilio ou d'um juramento, que eu julgo não poder prestar, não vacilo e parto victimá da fidelidade que devo ás obrigações que contrahi.”

Clemente XIII á quem os exforços dos inimigos da companhia não poderam abalar, e que cada vez mais a amava, vendo-a tam atrósmente perseguida, escreve aos bispos de França para os animar á não guardarem silêncio:—“Ainda que todas as pessoas de bem gemam por verem a companhia de Jesus extinta em França, e que por esta razão, tudo o que vós tendes escripto em sua defesa pareça de nada ter servido á sua causa, todavia os

vossos escriptos não sam inuteis. E' muito importante para os fieis de todas as nações do mundo publicar-se, que um instituto que tem por autor um homem ao qual se presta o culto e as honras dos santos, que um instituto que a igreja tem mantido e protegido durante mais de duzentos annos, foi contra todo o direito e toda a justiça, para vergonha e em soberano despreso da igreja, esposa de Jesus-Christo, declarado irreligioso e impio por homens, que nenhuma autoridade tem para julgar em taes materias, e que a sociedade que professava esse instituto foi destruida em França por um partido faccioso e poderoso."

Qual será em verdade o espirito imparcial que, reflectindo sobre esse facto, e vendo o instituto dos jesuitas por esta forma defendido pelos bispos e pelo papa, não se indignará ao vel-o qualificar de impio e sacrilego por aquelles mesmos, que, appellidando o pontífice de *imbecil* (1), a igreja de *officina de obrepções e subrepções* (2), e á Jesus-Christo de *infame* (3), davam mostra de sua impiedade??!

(1) Carta de Choiseul á d'Aubeterre.

(2) Nota de Pombal á Clemente XIII.

(3) Carta de Voltaire á Helvécio.

Aprecemos agora a ultima scena d'esse drama cruel: a communicação que faz a corte de França á Clemente XIII da expulsão dos jesuitas, e a maneira nobre e cheia de dignidade porque o papa repelle essa injuria feita á igreja de Jesus-Christo:—“Não é sinão com pesar, e depois de ter por muito tempo e maduramente deliberado(1), que o rei se tem emfim determinado ao partido que acaba de tomar. Ainda que S. M estivesse persuadido de que a manutenção da religião na França não dependia da conservação da companhia dos jesuitas, pois que a fé catholica romana ahi tem sido mantida felizmente durante onze seculos antes do estabelecimento d'essa ordem religiosa, entretanto julgava sua sociedade util á igreja e ao estado, quer para a edificação, quer para o ensino (2). Mas ra-

(1) “Choiseul e Mme de Pompadour, escreve Schoell, irreconciliaveis em seu odio e embriagados no incenso, que em sua honra queimavam, os philosophos, atormentaram por tam longo tempo á Luiz XV, que, de cansado, elle cedeu emfim á suas instancias e em novembro de 1764 expediu um edicto qualificado de irrevogavel que supprimia a ordem dos jesuitas em todo o reino de França.”

(2) Felizmente para a justificação dos jesuitas, os seus inimigos sam os proprios que confessam o seu merito.

zões superiores, fundadas na *tranquillidade publica*, (1) obrigaram S. M. á explicar suas intenções do modo por que acaba de fazel-o..."

" Nestas circumstancias, senhor, seria muito inutil e mais ainda perigoso que o papa dirigesse alguma nota directa ou indirectamente contraria ás intenções e aos votos do rei; e por seu zelo pela religião, e por benevolencia para com os jesuitas, deve prescrever á si mesmo o silencio, que S. M. ordenou que fosse observado em seus estados."

Com que direito e para que fim se exigia o silencio do papa? Si era um acto de justica a expulsão dos jesuitas, que influencia poderia ter na França e no mundo uma nota do papa que a reprovasse. Essa clausula de silencio apresentada ao pontifice, como uma medida de prudencia de sua parte, prova bastante contra a equidade do governo de Luiz XV. Elle bem sabia que a serie de seus decretos, desde o que condena a companhia na pessoa de Lavalette até o que a expulsa da França, era uma serie de injustiças só explicaveis pela paixão, e pelo odio; elle bem sabia, que a condenação de um instituto *religioso*

(1) E' o tema de todos os perseguidores da companhia.

proferida pelo governo temporal desmoralisava a sua autoridade, e que a companhia não perdia nada em seu credito de ordem religiosa sendo repellida por elles, ao mesmo tempo que era abençoada pelo episcopado e pela santa sé. O silencio do papa era necessario aos adversarios da companhia, como uma approvação tacita ou consentimento prestado á sua conducta. Si com effeito o papa se callasse em frente da consummação da iniquidade que elle tanto trabalhou por evitar, seu silencio significaria adhesão as ideias que lhe serviram de fundamento, e importaria o abandono da causa dos jesuitas no momento em que elles mais careciam do apoio de sua autoridade.

Clemente XIII, o papa á quem Choiseul em seu desespero por não podel-o resolver á aceitaras suas ideias, denominava —*cabeça de bronze*, — Clemente XIII a quem não intimidou a ameaça de invasão armada de seus estados, e que comprehendia que a tiara pontifical estava destinada á ser trocada pela coroa do martyrio, não prestou obediencia ao preceito do governo francez. Não podendo salvar os jesuitas, elle não queria ao menos que se dêsse o nome de justa á sentença iniqua de sua condemnação. Do alto da cadeira pontifícia elle extendeu a mão paternal á esses dignos

filhos da igreja, para que o mundo contemplando a união intima da companhia com a esposa de Jesus-Christo se convencesse, de que os golpes descarregados contra a primeira iam ferir á ambas, e de que não se tratava só dos jesuitas, mas da igreja e da religião.

Já o corajoso pontífice havia declarado nulos os decretos do parlamento de França contra os jesuitas. Despresando a voz da igreja, o parlamento exila a ordem, confisca-lhe os bens e a persegue até vel-a fóra de França. Então o santo papa, cheio de dor e de indignação, ferido pelo ultrage feito a igreja, expede a bulla *Apostolicum*, exemplo de bondade e de valor, de caridade para com as victimas, e de rigor para com os algozes. O mundo inteiro applaude e admira a coragem do sucessor de S. Pedro, que por esta forma afronta as maiores potencias da Europa; o episcopado o saúda, e une sua voz á da santa sé para apoial-a, em quanto que as côrtes de Portugal, de França, de Hespanha e de Napoles prohibem a leitura da bulla em seus estados e a condemnam em termos ultrajantes e ridiculos.

“ Para repellir a injuria atroz feita ao mesmo tempo, a igreja que Deus commetteu á nossos cuidados, e á santa sé sobre que esta-

mos assentados, diz o venerando pontifice; para deter por nossa autoridade apostolica o progresso de tantos discursos impios contrários á toda razão e á toda equidade, que se espalham de todos os lados, levando consigo o perigo proximo da perda das almas; para assegurar o estado dos clérigos regulares da companhia de Jesus, que nos pedem esta justiça e lhes dar uma consistencia mais firme pelo peso de nossa autoridade; para levar algum alivio á suas dôres na grande desgraça que os afflige; enfim para satisfazer os justos votos de nossos veneraveis irmãos, os bispos de todas as partes do mundo catholico, os quaes nas cartas que nos tem dirigido, fazem os maiores elogios á esta companhia, da qual cada um me assegura tirar o maior proveito em sua diocese; de nosso movimento proprio e sciencia certa, usando da plenitude do poder apostolico, e marchando sobre os passos de todos os nossos predecessores, por nossa presente constituição, que deve valer perpetuamente, dizemos e declaramos na mesma forma e maneira por que elles tem dito e declarado, que o instituto da companhia de Jesus respira no mais alto grão a piedade e a santidade, quer quanto ao fim principal que tem continuamente em vista, e que não é ou-

tro sinão a defesa e a propagação da religião catholica, quer quanto aos meios que elle emprega para chegar á esse fim: é o que a experiença nos tem atē agora ensinado."

Eis-ahi o monumento de gloria levantado á companhia pelo vigario de Jesus-Christo, para attestar á posteridade que a sua queda foi um facto politico, e que não proveio de culpa sua, mas da paixão pela impiedade que então dominava a epocha.

Muitos annos depois, em 1820, Lamennais, espirito verdadeiramente independente, e uma das mais vigorosas e bellas intelligencias que a França tem possuido, exprime-se assim sobre os jesuitas, expulsos injuriosamente desse paiz em 1764:—"Tenho fallado de dedicação, e á esta palavra meu pensamento vai repousar sobre esta ordem á pouco fiorescente, e cuja existencia inteira não foi sinão uma grande dedicação á humanidade e á religião. Aquelles que a destruiram bem o sabiam, e era isto para elles uma razão de a destruirem, como o é para nós de lhe pagarmos o tributo de saudade e reconhecimento, que ella merece por tantos beneficios. Ah! quem poderia contal-os todos? Por muito tempo ainda se sentirá o vacuo imenso que deixaram na christandade esses homens avidos de sacrificios, como os ou-

tros o sam de gosos, e por muito tempo se tra-
balhará por enchel-o. Quem os tem substitui-
do nas cadeiras ? Quem os substituirá nos col-
legios? Quem se offerecerá em seu logar para
ir levar a fé e a civilisação, com o amor de
nome francez, ás florestas da America ou ás
vastas regiões da Africa, tantas vezes banha-
das de seu sangue ? Accusam-n'os de ambição:
elles a tinham sem duvida, e que corpo a não
tem ? Mas sua ambição era de fazer bem, todo
o bem que estava á seu alcance; e quem não
sabe que é as mais das vezes o que menos os
homens perdoam? Queriam dominar em toda a
parte e onde dominavam elles sinão n'essas
regiões do novo mundo onde, pela primeira e
ultima vez, se viu realisada sob sua influencia
essas chimeras de felicidade, que se perdoava
apenas á imaginação dos poetas? Eram peri-
gosos aos soberanos: e é a philosophia quem
lhe faz esse reproche? Seja como fôr, eu abro
a historia, ahí vejo accusações, procuro as pro-
vas d'ellas, e não acho sinão uma brilhante
justificação.”



CAPITULO VIII.

Os jesuitas na Hespanha.

Na epocha em que os jesuitas foram expulsos da Hespanha, reinava sobre ella Carlos III, principe virtuoso, e que por seu amor ao catholicismo, por sua fé robusta e pela submissão, que sempre mostrara á cadeira de S. Pedro, era bem digno do titulo de catholico com que a igreja distinguira os reis de Hespanha. Era Carlos III aquelle mesmo rei, que fizera queimar em praça publica e pela mão do algoz os pamphletas, em que o marquez de Pombal acusava os jesuitas de todos os crimes. Sua piedade e dedicação á igreja lhe haviam ganhado o amor e as mais fervorosas bençãos de Clemente XIII. “Que não possamos nós, escrevia-lhe o santo padre, estar junto á V. M. para o apertar sobre nosso coração, para abençoá-lo mil vezes por sua heroica piedade e pela religião com que, reconhecendo em nossa indigna pessoa a voz do principe dos apostolos, tem adherido á nossas supplicas, satisfeito os nossos votos, acalmado nossos temores e en-

parecesse; e eis porque Roda respondia á seus amigos, que com instancia lhe pediam a expulsão dos jesuitas:—"Não é tempo ainda; tende paciencia; esperai que a *velha* morra (!). O movimento popular chamado dos *chapéos*, á que deu lugar a reforma que o rei queria operar nos costumes dos hespanhóes, foi uma occasião de que se aproveitaram os inimigos da companhia para a perderem no animo do rei. O povo reunido em torno do palacio real, vociferava furiosamente, e repellia a tropa qae era enviada para o dispersar; o rei foi obrigado á deixar a capital; a situação era ameaçadora e terrivel, quando os padres jesuitas lançaram-se corajosos no meio da multidão sublevada, e fallando ao povo, que os obedecia, conseguiram dispersar o ajuntamento.

Foram os jesuitas os sublevadores, gritaram seus inimigos, porque acalmaram os sublevados, foram os promotores da desordem, porque restabeleceram a ordem, foram os incitadores do povo, porque o povo obedeceu á sua voz, tendo resistido á força das baionetas!! Por este facto, que em verdade não prova sinão que os jesuitas tinham grande influencia sobre o povo, e que d'ella se serviam em favor do throno e

(1) Manuscriptos do padre Cordara.

da ordem publica, começou o rei á desconfiar da
companhia e á julgal-a perigosa ao estado.
Não seriam antes os jesuitas culpados, si se
conservassem na inacção, podendo prestar ta-
manho serviço á ordem publica? Feridos em
seu amor proprio, por não terem obtido com
toda sua autoridade o que os jesuitas alcança-
ram só com a sua palavra, os ministros de
Carlos III procuram justificar-se ante elle,
convencendo-o de que, si as massas se tinham
pacificado á voz dos jesuitas é por que á sua
voz se tinham sublevado.

Não podendo provar que os jesuitas fos-
sem os instigadores do movimento, de que
mais tarde o duque d'Alba confessara ter sido o
autor (1), seus inimigos querem fazer crêr que
a sublevação partia dos jesuitas, por que elles
davam esmolas ao povo e pelo facto de o terem
elles apasiguado; argumentos em verdade con-
tra-producentes, e que manifestam claramen-
te a má fé de taes accusadores. "Campomanés,
escreve o protestante João Muller, lhes faz
um crime da humildade de seu exterior, das
esmolas que destribuiam e dos cuidados com
que tratavam aos pobres e aos presoneiros; e os
accusa de se servirem d'esses meios para se-

(1) Christovão de Murr (Jornal) tomo IX p. 222.

duzir o povo e chamar-o á seus interesses.” Veremos adiante a sentença do *conselho extraordinario* baseada na accusação de Campomanés.

O primeiro ministro, d'Aranda, era um verdadeiro espirito forte. “Embriagado, diz Schoell, pelo incenso que em seu altar queimavam os philosophos franceses, elle não conhecia maior gloria do que ser contado entre os inimigos da religião e do throno.” Roda, ministro da justiça, leva o seu desrespeito á santa sé á ponto de dizer, “que aquillo que em outra parte é peccado, é virtude em Roma;” e exprime seu odio aos jesuitas n'esta confissão que faz ao cavalheiro d'Asara: “Dizem que eu odio os jesuitas; deixai-os dizer. *Eu os odio, e todos os que estamos no ministerio devemos odialos.* Será uma gloria para a Hespanha haver tido secretarios d'estado bastante corajosos para operar a sua expulsão.”

A vista d'essas palavras de um dos membros do gabinete hespanhol, é incontestavel que o odio foi o movei da perseguição que elle fez á companhia, em cuja expulsão via um titulo de gloria.

Com este intento, elle mantem sempre viva na memoria do rei a ideia de que os jesuitas sam um perigo para a ordem e para o throno.

no inventam uma infinidade de conspirações, sempre malogradas pela sua *vigilancia e dedicação ao monarca*, e afinal fabricam uma carta onde o geral da ordem declara ao provincial da Hespanha, ter em suas mãos documentos, em que se prova que Carlos III é filho de adulterio, e manifesta o plano de colocar no throno á seu irmão D. Luiz (1). Ferido assim na honra de sua familia e de seu nascimento, mas não querendo que se estabelecesse uma discussão sobre esse ponto delicado, nem que o povo disso se occupasse, Carlos III encarrega d'Aranda da expulsão dos jesuitas, declarando que em *seu coração real guardava os motivos desse acto*. Na mesma data é enviada á todas as autoridades do reino e das colônias a seguinte ordem, tendo a declaração no sobrescripto de não ser aberta, sob pena de morte, sinão a 2 de Abril ao declinar do dia:

“ Eu vos revisto de toda a minha autoridade e de todo o meu real poder para que imediatamente vos transporteis com força armada á casa dos jesuitas. Fareis prender á todos os religiosos e conduzir como prisioneiros ao porto indicado, em vinte quatro horas. Alli elles serão embarcados em navios para este

(1) Leopoldo Ranke.

fim destinados. No momento da execução, fareis pôr sellos sobre os archivos da casa e sobre os papeis dos individuos, sem permittir á nenhum levar comsigo cousa alguma, além de seus livros de orações e da roupa extictamente necessaria para a viagem. Si depois do embarque, existir ainda um só jesuita, mesmo doente ou moribundo, em vosso departamento, sereis punido de morte.

“ Eu o Rei. ”

E' uma ordem dictada pela vingança, e na lingoagem da raiva e da paixão.

O conselho extraordinario em vista da accusação de Campomanés, e na ausencia de provas e mesmo de facto criminoso, exprime-se assim: “ *Supposto o que se tem dito*, o conselho extraordinario passa á expôr sua opinião sobre o banimento dos jesuitas, e sobre as outras medidas que sam consequencia d'elle, afim de que tenham, na ordem conveniente, sua inteira e plena execução. ”

.....
“ Será muito á proposito scientificar aos bispos, ás municipalidades, aos capitulos e ás assembléas ou corpos politicos do reino, que S. M. á si só reserva o conhecimento dos graves motivos, que determinaram sua real von-

tade a adoptar esta justa medida administrativa, usando da autoridade tutelar que lhe pertence.”

“ S. M. deve ainda impôr a seus subditos silencio sobre este negocio, afim de que ninguem escreva, nem publique, nem espalhe obras relativas á expulsão dos jesuitas, nem pró, nem contra, sem uma permissão especial do governo; e que o commissario encarregado da vigilancia sobre a imprensa, assim como seus sub-delegados, sejam declarados incompetentes para conhecer n'esta materia, porque tudo quanto lhe diz respeito deve estar inteiramente na jurisdição e sob a autoridade immediata do presidente e dos ministros do conselho extraordinario.”

No parecer do conselho extraordinario não se encontra as razões em que se funda a resolução do rei, nem ao menos a imputação de um facto pelo qual se imponha a pena. Na *pragmatica sancção* só se falla tambem da pena, e nem uma palavra sobre as provas, nem sobre o facto criminoso; ella diz “ que o principio determinado por motivos da mais alta importancia, taes como a obrigação em que está de manter a subordinação, a paz e a jus-

tiça entre seus povos, e por outras razões igualmente justas e necessárias, *julgou á proposito* ordenar, que todos os religiosos da companhia de Jesus saíssem de seus estados, e que seus bens fossem confiscados; que os motivos justos e serios que o obrigaram á dar esta ordem, ficarão para sempre encerrados em seu coração real; e que as demais congregações religiosas tem merecido sua estima por sua fidelidade, por suas doutrinas, emfim pela attenção com que se abstêm dos negocios do governo."

D'Alembert, inimigo dos jesuitas e interessado na sua destruição, julga do modo seguinte o procedimento do governo hespanhol, em uma carta dirigida á Voltaire :—" Que dizeis vós do edicto do rei de Hespanha, que expulsa os jesuitas tam bruscamente ? Persuadido como eu de que teria para isto as melhores razões, não pensais que elle obraria bem publicando-as, em vez de as encerrar em seu coração real ? Não pensais que se deveria permitir aos jesuitas justificarem-se, sobretudo quando se deve estar seguro de que elles o não podem ? Não pensais ainda que elle será muito injusto fazendo-os morrer de fome, si um irmão imprudente (*coupe-chou*) se lembrar de escrever bem ou mal em seu fa-

vor (1) ? Que dizeis tambem dos comprimentos que faz o rei de Hespanha aos demais religiosos, padres, curas, vigarios e sachristães de seus estados, *que não sam, segundo creio, menos perigosos do que os jesuitas, sinão porque sam mais vis* ? Emfim não vos parece que se podia fazer com mais razão uma cousa tam razoavel ? ”

D'Alembert acha razoavel a expulsão dos jesuitas, mas considera injusto o modo porque teve ella lugar; entende que elles se não podiam justificar, mas censura não se lhe ter permittido a justificação; finalmente pensa que Carlos III tinha ás melhores razões, mas reprova têl-as elle encerrado em seu coração real. Com effeito, uma sentença que se funda em razões, que não podem ser publicadas, não se funda em razão alguma, sinão na tyrrannia de quem a profere.

Não se encontra por conseguinte os motivos da expulsão dos jesuitas da Hespanha em acto algum do governo d'esse paiz. Car-

(1) D'Alembert refere-se á um dos artigos da pragmática, em que se determinava á confiscação dos bens dos jesuitas, e lhes era votada uma pensão, a qual perderiam si algum d'entre elles désse *qualquer motivo de descontentamento á corte por seus actos ou por seus escriptos*.

los III declarou que os guardava em seu coração; felizmente porem a historia os possue e os submette ao juizo da posteridade. Segundo Fernando VII, fôra ella “uma medida arrancada pelas intrigas mais artificiosas e mais iniquas á seu magnanimo e piedoso avô o rei Carlos III.”

Os escriptores protestantes, calvinistas e lutheranos que se tem ocupado d'esse facto, sam unanimes em condennar o edicto do rei de Hespanha.

Preferimos argumentar com o testemunho d'esses escriptores, inimigos da religião catholica e dos jesuitas, não só porque essa qualidade é uma prova da imparcialidade com que escrevem, como porque o depoimento dos escriptores catholicos em seu favor poderia ser atribuido á espirito de religião, e merecer por isso menos importancia.

Eis como a respeito se exprime Schoell: “ Depois de ter em 1764 banido os jeuitas da França, Choiseul perseguiua esta ordem até na Hespanha. Empregou-se todos os meios para fazer d'ella aos olhos do rei um objecto de terror, e conseguiu-se emfim por *uma calunia atroz*. Apresentaram-lhe uma *pretendida carta* do padre Ricci, geral dos jesuitas, a qual Choiseul é accusado de ter mandado fa-

brigar, e onde o geral annunciava á seu correspondente, que tinha alcançado reunir documentos, que provavam incontestavelmente, que Carlos III era filho de adulterio. Essa invenção absurda fez uma tal impressão no rei, que elle deixou que lhe arrancassem a ordem da expulsão dos jesuitas."

O anglano Coxe escreve quasi nos mesmos termos :

" Desde então (1764) o ministerio frances propôz-se realizar a queda dos jesuitas nos outros paizes, e tractou de obter o seu banimento completo do territorio hespanhol. Com este proposito, não poupou Choiseul meio nem intriga afim de derramar o alarme sobre seus principios e sobre seu caracter. Elle atribue á ordem todas as faltas que parecem dever arrastar sua desgraça. Não tem o menor scrupulo em fazer circular cartas apócrifas sob o nome de seu geral e dos outros superiores, e em espalhar odiosas calumnias contra alguns individuos da sociedade."

.....
" Circulavam rumores em toda a parte relativamente á seus supostos tramas e á suas conspirações contra o governo hespanhol. Para tornar a accusação verosímil, fabricou-se uma carta, que se supoz ter sido escripta

pelo geral da ordem, e dirigida ao provincial da Hespanha. Esta carta lhe ordenava que excitasse insurreições, e tinha sido enviada de modo á ser interceptada. Fallava-se das riquezas immensas e das propriedades da ordem, era um incitamento para obter sua abolição. Os proprios jesuitas haviam perdido muito de sua influencia sobre o espirito de Carlos III, oppondo-se á canonisaçao de João de Palafox, que elle tam ardente mente desejava. Mas a causa principal de sua expulsão, foi o resultado dos meios empregados para fazer crêr ao rei, que o movimento que acabava de ter lugar em Madrid fôra excitado por suas intrigas, e que elles formavam ainda novas maquinacões contra sua familia e sua pessoa. Influenciado por esta opinião, Carlos III, de protector zeloso que era, tornou-se seu implacavel inimigo, e apressou-se em seguir o exemplo do governo francez, expellindo de seus estados uma sociedade que lhe parecia tam perigosa. ”

Christovam de Murr, tractando d'esse facto escreve o seguinte: “Carlos III conservava um profundo ressentimento da insurreição de Madrid; elle a julgava obra de alguma intriga estrangeira; conseguiram persuadil-o de que partira dos jesuitas, e foi este o começo de

sua ruina na Hespanha. Boatos de conspirações, accusações calumniosas, cartas apocrifas destinadas á ser interceptadas, e que de facto o foram, acabaram de decidir o rei. ”

O decreto injusto e apaixonado de Carlos III teve a mais completa execução, entregue ás mãos d'Aranda. Os jesuitas conspiradores poderosos, e cuja distruição era uma medida *necessaria* para a tranquillidade publica, saíram em todo o reino e á mesma hora presos e embarcados sem oppôrem a menor resistência. O ministro da justiça, Roda, escreve nesses termos ridiculos ao cavalheiro Azara:

“Emfim a *operação cesariana* está terminada em todos os collegios e casas dos jesuitas na Hespanha. Segundo os avisos, que acabamos de receber, vam ser agora enviados para os diversos pontos onde devem ser embarcados. Nós vos remetemos essa boa *mercadouria*. Não houve *resistencia* em parte alguma, e se reconheceu que os terciarios não eram em tam grande numero como se pensava. As personagens *opulentas*, as *mullheres* e os *tolos* estavam apaixonados por essa especie de gente, e não cessavam de nos importunar com sua *affeição* por elles, effeito de sua *cegueira*. Vós vos admirarieis de ver quanto eram numerosos.”

Com effeito a *operação cesariana* se rea-

lisava em toda a Hespanha; mas o que faz a honra dos jesuitas é que á tantas crueldades elles não oppuzeram a menor *resistencia*, é que sahindo desse paiz elles deixavam um numero admiravel, segundo Roda, de personagens opulentas, de mulheres e de outras muitas pessoas, que eram por elles apaixonadas, e que importunavam o ministro com sua affeição. Mas que serie de barbaridades não foram praticadas; quantas e atrozes violencias á justiça tanto dos homens como de Deus, não tiveram lugar por essa occasião? !!

O viajante Pagés, testemunha ocular da paciencia evangelica com que os jesuitas sofrem nas Philipinas a execução do decreto de sua prisão e banimento, assim se exprime:—
“ Eu não posso terminar este justo elogio dos jesuitas sem observar que, n'uma posição em que o amor extremo dos indigenas por seus pastores, com qualquer animação de sua parte poderia dar occasião á desordens, que arrastariam a violencia e a insurreição, eu os vi obedecerem ao decreto de sua abolição com o respeito devido á autoridade civil, e ao mesmo tempo com a calma e frieza das almas verdadeiramente heroicas.”

“ No Mexico, no Perú, no Chili, emfim nas Philipinas, diz Sismondi, elles foram igual-

mente investidos em seus collegios; no mesmo dia, na mesma hora, seus papeis sam tomados, e elles presos e embarcados. Temia-se sua resistencia nas missões, onde eram adorados pelos convertidos; elles mostraram, pelo contrario, uma resignação e uma humildade unidas á uma calma e firmesa verdadeiramente heroicas.”

O conde Alexis de Saint'-Priest, bem pouco affeiçoadó á igreja e menos ainda aos jesuitas, não pôde entretanto deixar de escrever : “ E' forçoso convir, que a prisão dos jesuitas e seu embarque foi feito com uma precipitação necessaria talvez, porem *barbara*. Cerca de seis mil padres, de todas as idades, homens de nascimento illustre, personagens doutas, anciãos opprimidos de infermidades, privados dos objectos mais indispensaveis, foram atirados ao fundo dos porões sem um fim determinado, sem uma direcção certa.”

O ministerio hespanhol quiz abrir uma excepção á favor de alguns jesuitas em attenção á certas familias importantes á que perteciam: elles recusaram. Os padres José e Nicoláu Pignatelli, irmãos do conde de Fuentes deram o exemplo. Um d'elles responde ás vivas instancias do governo para recolher-se á sua familia, com as seguintes admiraveis pa-

lavras:—"Minha resolução é inabalável; pouco importa que meu corpo seja o pasto dos peixes ou dos vermes; mas o que eu quero antes de tudo é morrer na sociedade dos jesuitas, meus irmãos." E o ministro escreve a d'Asara:—"Os Pignatelli tem recusado absolutamente deixar o habito da companhia; elles querem viver e morrer com seus irmãos."

O governo hespanhol comunicando ao papa toda essa serie de crueldades, não lhe apresenta como razão sinão a tranquillidade do estado; e dá *ordem expressa ao embaixador de se recusar á toda explicação, e de se limitar unicamente á entrega da carta real.* Era impossivel que Clemente XIII dêsse sua approvação á uma medida de tamanha gravidade, quando se lhe occultava os motivos porque tivera ella lugar, quando não se declarava ao menos a culpa d'aquelles contra quem se empregava tanto rigor. Seu coração, já muito magoado pelos actos das côrtes de França e Portugal, sentia muito mais ainda a dôr que lhe causava o procedimento da de Hespanha, porque ella partia de um principe á quem amava terna e ardentemente, e cujo poder fôra sempre empregado na defesa e gloria da igreja.

Elle responde á carta do rei catholico com o seguinte breve, em que a humildade de suas

suplicas, e ao mesmo tempo o tom prophetico e ameaçador com que falla, fazem apparecer unidas a bondade e a justiça do pai espiritual dos fieis.

“ De todos os golpes que nos tem ferido durante os nove desgraçados annos de nosso pontificado, o mais sensivel á nosso coração paternal, foi sem duvida este que nos acaba de dar V. M. em sua ultima carta, na qual nos manifesta a resolução que tomou de expulsar de seus vastos estados e dominios os religiosos da companhia de Jesus, Assim, vós tambem, meu filho, *tu quoque fili mi!* Assim nosso caro filho Carlos III, rei catholico, deve ser aquelle que encha o calice de nossas dores, e mergulhe no tumulo, banhada em lagrimas, no sa infeliz velhice! Assim o muito religioso o muito piedoso rei de Hespanha, Carlos III, deve prestar o apoio de seu braço, d'esse braço poderoso que Deus lhe deu para sustentar e propagar sua honra, a da santa igreja e a salvação das almas, deve prestal-o aos inimigos d'essa mesma igreja e de Dens, para ser destruida até seus fundamentos uma ordem tam util e tam cara á igreja, e que deve sua origem e seu explendor á estes santos heroes, que Deus quiz escolher na nação hespanhola para levar sua gloria á todos os pontos da terra! Assim

será preciso privar para sempre vosso reino e vosso povo dos soccorros e bens espirituaes, de que á mais de dous seculos os religiosos d'essa sociedade os tem accumulado pelas pregações, missões, cathecismo, exercicios espirituaes, pela administração dos sacramentos e pela instrucção da mocidade na piedade, nas lettras, no culto e honra da igreja !

“ Ah ! senhor, nosso espiriro não pôde supportar o pensamento d'uma tam grande ruiна. Mas o que o magôa igualmente, e d'um modo talvez ainda mais profundo, é vêr o muito sabio, e muito justo rei Carlos III, este principe de consciencia tam delicada, de tam rectas intenções, aquelle que, com o temor de comprometter sua salvação eterna, jamais consentiria em fazer soffrer ao ultimo de seus subditos o mais ligeiro prejuizo, mesmo em seus interesses privados, sem que sua causa fosse previa e legalmente discutida, sem que todas ás formalidades, prescriptas pelas leis para assegurar á cada um a conservação de seus direitos, fossem prehenchidas; é vêr, dizemos nós, que este mesmo principe julgou poder condemnar á uma extincção total, despojando-o de sua honra, de sua patria, de suas propriedades legitimamente adquiridas, e de seus estabelecimento possuidos, um corpo in-

teiro de religosos dedicados e consagrados ao serviço de Deus e do proximo, sem os examinar, sem os ouvir, sem lhes permittir defenderm-se. Senhor, essa medida é grave, e si por acaso ella não fosse sufficientemente justificada aos olhos do Omnipotente, soberano jniz de todas as criaturas, de nada vos serviria a approvação dos que vol-a aconselharam, nem os applausos dos que para ella concorreram por seus principios, assim como o silencio de vossos fieis subditos, ou á resignação d'aquelle á quem fere esse golpe terrivel.

“Quanto á nós, experimentando por causa d'este negocio uma dôr inexprimivel, confessaremos á V. M. que tememos e trememos pela segurança e salvação de sua alma, que nos é tam cara.

“V. M. diz que foi provocado á este acto pela obrigação de manter a paz e a tranquilidade de seus estados, dando-nos á entender assim, que alguma desordem foi suscitada e fomentada por algum individuo pertencente á sociedade de Jesus. Mas si isto fosse verdadeiro, porque não ter, senhor, infringido um castigo aos culpados, sem fazer soffrer aos inocentes? O corpo, o instituto e o espirito da companhia de Jesus, nós o dizemos em presença de Deus e dos homens, sam absoluta-

mente innocentes de qualquer crime; e não só innocentes, mas piedosos, uteis, santos, em seu objecto, em suas leis e em suas maximas; e por mais exforços que tenham feito seus inimigos para demonstrar o contrario, elles não tem obtido das pessoas imparciaes e calinas, sinão serem aborrecidos e desacreditados como mentirosos, por causa das contradicções sobre as quaes tem pretendido estabelecer suas falsas pretensões

“ Mas, dirão os politicos, é um facto consummado: a resolução está tomada, a ordenança real promulgada; o que pensaria o mundo si elle visse suspensa ou revogada sua execução? O que dirá o mundo, senhor? E porque não perguntar antes, o que dirá o céo? Mas, enfim, o que dirá o mundo? Dirá o que dizia e o que continua a dizer depois de tantos seculos de Assuerus, esse poderoso monarca do Oriente, que revogando a ordem surprehendida á sua justiça, de exterminar todos os hebreus, que viviam em seu imperio, comovido pelas supplicas e pelas lagrimas da rainha Esther, adquiriu a reputação eterna d’um principe justo e que se sabia vencer. Ah! senhor, que admiravel occasião de conquistar des gloria semelhante! Nós apresentamos á V. M. as supplicas não só de vossa real espo-

sa, que do alto do céo vos recorda talvez o amor que tinha á companhia de Jesus, mas ainda da sagrada esposa de Jesus-Christo, a santa igreja, que não pôde contemplar, sem derramar lagrimas, a extincção total e eminente do instituto de S. Ignacio, do qual até hoje tem ella recebido tam grandes soccorros e tam assignalados serviços....

“Permitti pois que este negocio seja regularmente discutido: deixai obrar a justiça e a verdade, afim de que ellas possam dissipar as trevas produzidas pela prevenção e pelas suspeitas. Escutai os conselhos e as reflexões dos que sam doutores em Israel, dos bispos, dos religiosos, em uma causa que interessa ao estado, á honra da igreja, á salvação das almas e á vossa propria consciencia e salvação eterna.”

Clemente XIII não supplica ao rei sinão que faça justiça á companhia; elle não pede excusa para o crime, mas que no justo castigo dos culpados, si os houver, não sejam envolvidos os inocentes; não quer sinão que elles sejam julgados por um processo regular em que se declare o crime, e as provas de ter elle sido commettido pelos jesuistas. Eis-ahi entretanto como Carlos III responde ao breve do sabio e infeliz pontífice:

“ Para poupar ao mundo um grande escandalo, eu conservarei para sempre em meu coração o abominavel traína que tornou necessarios esses rigores. Sua Santidade deve-me crêr sob palavra. A segurança de minha vida exige de mim um profundo silencio sobre este negocio.”

O papa por conseguinte devia tambem ignorar o pretendido *plano abominavel*, que provocara taes *rigores*, e limitar-se á crêr, *sob palavra*, que a vida do rei *exigia um profundo silencio sobre esse negocio*. Não ha homem que a vista da imposição de um castigo, não pergunte: qual é o crime que o provoca, quaes as provas contra seu autor? Na expulsão affrontosa dos jesuitas dispensou-se a declaração do crime e a apresentação das provas; foi tudo um mysterio, excepto o castigo. E' impossivel que reflectindo-se imparcial e conscienciosamente sobre o rigor e crudelade com que sam perseguidos tantos homens, não se desconfie ao menos dos juizes, que lavrando a sentença de suas victimas dizem, nós vos condenamos, mas ficam guardadas em nosso coração as razões em que se funda nosso juizo. Semelhante condenação é que merece o nome de *um plano abominavel!*

E assim foi ella julgada no reinado de Fernando VII:

“Depois que por um efecto da infinita e particular misericordia do Senhor para comigo e meus fieis subditos, eu me vejo no meio d'elles restabelecido sobre o throno de meus avós, tenho recebido diariamente uma multidão de representações que me têem sido dirigidas pelas provincias, cidades, villas e aldeias de meu reino, pelos arcebispos, bispos, ecclesiasticos e mesmo seculares . . . , nas quaes me supplicam e conjuram, que restabeleça em todas as partes do meu dominio a companhia de Jesus, empenhando-me á imitar n'isto o exemplo dos outros soberanos da Europa, e principalmente o da santa sé, que julgou conveniente revogar o breve de Clemente XIV . . . publicando a celebre constituição de 7 de agosto do anno proximo passado, *Solitudo omnium Ecclesiarum*.

“Em vista d'essas instancias tam respeitaveis, tenho feito todo o possivel para me assegurar d'un modo mais positivo da falsidade das accusações criminaes que foram intencionadas contra a companhia de Jesus por seus rivaes, e seus inimigos, *que o eram ao mesmo tempo da santa religião de Jesus-Christo* . . .

“Estou emfim convencido de que os ver-

dadeiros inimigos da religião e dos thronos eram esses mesmos individuos que trabalharam com tanto ardor por tornar odiosa a companhia de Jesus, por fazel-a dissolver, e perseguir seus membros inocentes, empregando contra elles a calumnia, a intriga mais vil e as imposturas mais ridiculas."

A 3 de Maio de 1816 expede Fernando VII outro decreto, no qual restabelece os jesuitas em todos os seus dominios e revoga as leis em contrario.

Temos visto por que meios e com que barbaridade foi a companhia de Jesus perseguida na Hespanha, e como mais tarde foi reabilitada n'esse paiz por um neto d'aquelle mesmo rei que a expulsara; acompanhemol-a em seu banimento para a Italia e vejamos como ahí mesmo a vam ainda seguir a intriga e o odio de seus inimigos.



CAPITULO IX.

Os jesuitas na Italia.

Eram os dominios do papa o lugar destinado pelas côrtes para o exilio dos jesuitas, muitos dos quaes eram cidadãos d'aquelles mesmos paizes que os expulsavam. Elles foram enviados á Civita-Vechia em navios que não podiam accommodar a metade dos que conduziam. Amontoados uns sobre outros e tratados com uma deshumanidade sem exemplo, muitos padres succumbiram na viagem, e os outros, depois dos mais duros e atrozes padecimentos, chegaram ao termo da penosa viagem, mas não ao termo de suas desgraças. “O governador de Civita-Vechia, diz Sismondi, não estando prevenido, recusou receber-os; e esses infelizes, muitos dos quaes velhos e infermos, amontoados como criminosos a bordo dos navios de transporte, foram reduzidos durante semanas á bordejar á vista da costa. Muitos pereceram.” A noticia d'esse acontecimento compungiu o virtuoso pontífice; elle tinha os jesuitas em seu coração, e, defen-

dendo-os quanto podia contra as perseguições de seus inimigos, não os havia elle mesmo perseguir.

O conde de Saint-Priest affirma pois uma falsidade quando diz—" que os jesuitas eram esperados em Civita-Vechia, e que foram recebidos á tiros de canhão." Elles não eram esperados, nem podiam sel-o á vista do segredo e rapidez com que passaram de suas casas para os porões dos navios; e ninguem acredita que fossem repellidos á fogo de artilharia por Clemente XIII, seu magnanimo e dedicado protector :—semelhante accusação á memoria do santo e piedoso pontifice, nem é ao menos verosimil. " Clemente XIII, diz o escriptor que acima citamos, considerava os jesuitas como os mais habeis e os mais constantes defensores da religião e da igreja, e tinha por esta ordem um terno amôr; suas desgraças sem cesar lhe arrancavam lagrimas; elle se reprochava em particular a morte dos infelizes que tinham perecido em frente de Civita-Vechia, e ordenou que todos esses deportados, que lhe chegavam successivamente da Europa e da America, fossem distribuidos pelos estados da igreja, onde muitos d'entre elles adquiriram uma alta reputação litteraria."

A populaçao d'esses estados entretanto se

inquietava, vendo chegar todos os dias um grande numero de padres estrangeiros; e temendo o resultado de uma desproporção entre a população, que assim crescia, e as forças alimenticias do paiz, e por outro lado indignando-se, por vê-lo assim reduzido á um lugar de exilio, começou á manifestar sua desapprovação ao recebimento dos jesuitas.

Clemente XIII, chefe da igreja universal, e por isso protector de todos os fieis, mas tambem chefe temporal dos estados pontificios, e devendo ocupar-se da felicidade de seus subditos, e zelar a dignidade e soberania da nação, foi forçado á suffocar a caridade de seu coração e á fechar aos jesuitas as portas de seus estados. Todo o mundo sabe que os Estados-Pontificios não sam um paiz rico, que podesse prover á sustentação do grande numero de exilados, que de toda a parte lhe vinham. Que dôr não experimentaria a grande alma de Clemente XIII, sendo obrigado pela vontade pronunciada do povo á negar hospitalidade á aquelles filhos queridos da igreja, á quem a nação considerava estrangeiros, embora fossem para elle legitimos subditos? Todavia lhe era mister ceder á indignação e aos receios do povo.

Vêde porém a abnegação heroica dos je-

juitas; elles conhecem os motivos que obrigam o papa a tomar essa medida, que lhes rouba a ultima esperança, e applaudem-n'a embora seja para elles a maior de todas as desgraças. Reda um de seus mais exforçados perseguidores é o mesmo que publica e dá á conhecer ao mundo esse novo rasgo da virtude dos jesuitas: " Elles applaudem, diz o ministro, a resolução do papa de não os receber em seus estados e soffrem essas dôres como um martyrio pelo bem da igreja perseguida. Os aragonezes sam os mais fanaticos, e todos desejam dar a vida pela companhia. "

Oh barbaros e cegos ministros, que não vêdes que só a mão de Deus pôde inspirar tæs sentimentos e sustentar tamanha coragem!!!

Clemente XIII porém não os abandona; não podendo recebel-os em seus estados, elle pede e alcança da republica de Genova, que os asile na Corsega, onde elles chegam e de onde sam pouco depois expellidos pelo governo francez, a cujo dominio passou logo depois a ilha. " A maneira porque teve lugar essa nova expulsão, diz Schoell, deu uma triste idéa da philantropia dos corypheus da philosophia. Tinha-se sido injusto com os jesuitas francezes; mas a conducta que se tomou para com

os hespanhóes, á quem a republica genoveza tinha concedido asilo na ilha de Corsega, foi barbara. Atirou-se com os religiosos em navios onde, por causa do calor abafador, eram accumulados sobre o convés, deitados uns sobre os outros, e expostos aos ardores do sol. Assim se os transportou á Genova, d'onde foram enviados para os estados da igreja."

O reino de Napoles, governado por Fernando IV, filho de Carlos III, e depois o duca-do de Parma, regido por outro principe tambem Bourbon, deviam acudir aos reclamos da liga de familia, e aceitar a politica perseguidora e cruel dos governos francez e hespanhol. "As supplicas do papa, escreve Sismondi, longe de determinarem Carlos III á motivar suas barbaridades por outro modo, que não fosse pelas mais vagas generalidades, não poderam impedir que elle e Choiseul arrastassem no mesmo sistema de perseguição os dous ramos Bourbons na Italia."

Napoles e Parma seguiram pois o exemplo da Hespanha. N'un dia e hora previamente determinados, sam os jesuitas presos e enviados aos estados do papa, sem levarem mais que seus vestidos; seus bens sam confiscados, os symbolos da ordem arrancados das

portas de suas casas e as imagens de S. Ignacio fundidas em moeda.

O pontifice protesta contra os actos do rei de Napoles, ou antes de Tanucci, seu impió ministro e tutor. O duque de Parma tinha ido mais longe. Feudatario do governo pontificio, elle havia injuriado o pontifice e a igreja. Clemente XIII tinha-se humilhado ante os demais monarchas, mas sua dignidade propria e a da posição que ocupava, ordenavam-lhe que se não curvasse ante um principe, que, desconhecendo os direitos de vassalagem que lhe devia, vencia á todos os mais no escandaloso desrespeito com que tratava á santa sé. Desde Pombal até Tanucci nenhum inimigo da igreja tinha levado tão longe a audacia e o insulto contra o magnanimo pontifice. Elle pois declara nulos e sem effeito os actos do governo de Parma e lança sobre elle a excommunhão da igreja.

As côrtes de Bourbon exigem do papa a retractação solemne do breve dirigido á Fernando de Parma declarando, "que si elle não atendesse á sua representação, elles usariam da represalia, e que as tropas de França se apoderariam do condado de Avinhão e as de Napoles do de Benevento."

Schoell relata nos seguintes termos a sce-

na passada entre os embaixadores, que apresentam as exigencias das côrtes, e o papa que as repelle:—"Sein deixar ao embaixador tempo de fallar, Clemente XIII perguntou si a nota encerrava alguma cousa que não fosse o pedido da revogação do breve. Respondeu o embaixador que este era o unico objecto do memorial; ao que o papa disse-lhe que não estava resolvido á obrar contra sua consciencia, como seria obrigado á fazer retractando-se. "A ameaça de entrar com força armada em nossos estados é inutil. Quando mesmo tivessemos tropa bastante para nos oppôr á isto, não nos serviríamos d'ella. Pai commun dos fieis, eu jamais terei guerra com principes christãos, e menos ainda com catholicos. Meus subditos sendo estranhos á semelhante negocio, espero que os soberanos não lhe farão experimentar o effeito de seu descontentamento. Si elles querem a minha pessoa, e si seu designio é expulsar-me de Roma, eu declaro que prefiro o exilio á trahir a causa da religião e da igreja."

Si o papa entretanto foi bastante corajoso para responder por essa forma aos embaixadores das côrtes, ellas foram bastante crueis para realisarem sua ameaça. Avinhão e Benevento foram tirados á seus domínios; e essa bella gloria de vencer pela força das baione-

tas á força da razão e da justiça, ficou pertencendo aos victoriosos.

Não pararam ainda ahi: Venesa e Malta cedendo á sua influencia expulsam tambem os jesuitas. Clemente XIII no meio de todas essas perdas e desgraças, causadas com o proposito de atemorísal-o, permanece inabalavel. “ O vigario de Jesus-Christo, exclama elle, ao ouvir lêr d'Aubeterre uma nota violenta de seu governo, é tratado como o ultimo dos homens! Elle não tem exercitos nem canhões; é facil tomar-lhe tudo, mas o que está fóra do poder dos homens é fazel-o obrar contra a sua consciencia.”

Parece que em vista de tam admiravel coragem e de uma resolução tam claramente manifestada, os principes Bourbons deviam perder a esperança de aterrarr o animo do pontifice, e de forçal-o a ceder á sua vontade; longe d'isto, elles continuam sua politica de terror e oppressão, a qual levando ao tumulo a amargurada velhice de Clemente XIII, triumphou sobre Clemente XIV, que não soube, como seu antecessor, preferir o opprobrio e a morte á sacrificar a liberdade da igreja, e a innocencia da companhia.

As violencias dos principes de Bourbon encheram sua alma de amargura, mas não po-

deram vencel-o; mataram-n'o, mas em seu posto.

Heróe e martyr, humilde em sua grandeza, e grande em sua humildade, Clemente XIII conquistou por seus soffrimentos e por sua coragem o respeito e a admiração da posteridade!!



CAPITULO X.

Clemente XIII ou a luta para a extincção da companhia.

Damos esta epigraphe ao presente capitulo, porque em verdade o pontificado de Clemente XIII representa e symbolisa o grande combate da politica, animada pelo philosophismo e pela impiedade, contra a santa sé, para alcançar d'ella a suppressão da companhia de Jesus.

Vimos nos tres ultimos capitulos como Portugal, a França, a Hespanha e outros países cátolicos expulsam de seu seio a illustre sociedade. Elles contentavam-se á principio com a approvação da igreja á esse acto violento e injusto. A conducta d'ella porem, oposta á suas ideias, os enraivesse; e elles pretendem reduzil-a pelo temor á praticar um acto, que Clemente XIII qualificava de contrario á sua consciencia.

A resistencia e firmeza do pontifice esteve acima do que elles esperavam; a energia com que elle condena o procedimento de Fernando de Parma, fal-os duplicar de exfor-

ços, de ameaças e de oppressões, que primeiro acabaram a vida do que a paciencia do velho e santo padre. “Pela força, diz o cardeal Torregiani aos embaixadores reunidos em torno d'elle, os principes podem fazer quanto quizerem, mas por concessão fícai certos que jamais obterão causa alguma.” Os principes com efecto, promptos á usar da força, e tendo-a já empregado em Avinhão e Benevento, queriam que sua conducta tivesse aos olhos do mundo uma justificação no consentimento da igreja. Elles não comprehendiam que a liberdade da igreja é industrutivel, e que não tinham arma contra a passividade do martyrio. Elles poderiam pela força impedir que o papa praticasse este ou aquelle acto, mas o que não podiam, nem *estava nas mãos dos homens, era fazer-o obrar contra a sua consciencia.* N'estas circumstancias elle crusaria os braços, como o fez, e a morte seria a ultima, porem a mais evidente prova de que a força nada pôde contra a igreja. Deus providente deu-lhe a coragem do martyrio co no um refugio contra as perseguições do mundo.

A força de que dispunha a liga dos Bourbons animava sua audacia, e lhes permittia fazerem toda a sorte de exigencias á santa sé; elles nada podiam receiar do bom e san-

to pontifice e por isso, pouco generosos, insultavam-n'o em sua fraqueza; seu poder, todo moral e de consciencia, era nenhum para aquelles espiritos embriagados nas theorias, que um pouco mais tarde os havia esmagar.

Elles não tratam mais de exigir do papa sua approvação á expulsão dos jesuitas, querem agora a extincção canonica da companhia; e para chegar á semelhante fim, organisam entre si uma liga formidavel.

A ideia d'essa liga partiu do marquez de Pombal. Dirigindo-se ao enviado da França, M. de Sismonin, elle dizia: "é mister que a França, a Hespanha e Portugal se unam para exigir do papa a abolição da ordem dos jesuitas." "O rei de Hespanha, diz D. Gutierrez de la Huerta, adheriu á proposta feita em nome de S. M. Fidelissima, de trabalharem de acordo, para obterem a inteira suppressão da companhia de Jesus"; e o de França entrou no convenio por complacencia com S. M. C.", como affirma Bernis. "Emfim, escreve Almada á Pagliarini, as tres côrtes de Bourbon se pozeram em campo para extirpar do mundo essa sociedade inimiga do genero humano."

Constituida assim a liga, as tres côrtes em lugar de trabalharem separadamente, como d'antes, uniram seus exforços para alcançar o

seu fim commun. Suas exigencias sam feitas ao papa na seguinte memoria apresentada por d'Anbeterre.

“ O rei, tanto por sua vontade particular, como pelo mais intimo accordo com suas magestades catholica e ceciliana, roga muito instantemente á sua santidade que *extingua absolutamente, sem reserva e sem demora, no mundo inteiro,* a sociedade chamada de Jesus, e que secularise todos os individuos de que ella se compõe, com a mais expressa proibiçao, á cada um d'elles, de se reunir d'ora em diante em comunidade, e de formar associação sob qualquer denominação ou pretexto.

“ Esta requisiçao deve ser acolhida tanto mais favoravelmente pelo nosso santo papa, quanto ella lhe é feita por tres monarchas, igualmente esclarecidos e zelosos por tudo o que pôde ter relaçao com a prosperidade da religião, com os interesses da igreja romana, com a gloria pessoal de sua santidade, e com a tranquillidade de todas os estados christãos.”

O cardeal Negroni, fallando aos embaixadores sobre esta memoria, dizia-lhes que ella abriria o tumulo do santo padre. Grande foi de feito a sua dór, e mais pungente ainda por ser causada por principes catholicos. A im-

piedade alegrava-se de ver a revolta no seio da igreja, em quanto que seu augusto chefe soffria resignado as injurias que lhe dirigiam seus filhos. Buscando porém em Deus a consolação de que carecia sua alma afflita, elle permanecia na resolução de sacrificar seu repouso e sua vida á causa da igreja. Todas as humilhações, e todo o opprobrio porque lhe fizeram passar, não foram capazes de o mover á trahir sua consciencia, porque elle considerava o papado como um martyrio, e as agoniás e os ultrajes que soffria, como um bem para sua alma e para a igreja. E eis-ahi como elle responde ás côrtes :

“Sua santidade, escreve Torregiani aos nuncios das tres côrtes, não pôde explicar á si proprio, como essas côrtes tem ainda a triste coragem de unir á todas as dôres que affligem á igreja uma dôr nova, sem outro fim que o de atormentar á consciencia de sua santidade e sua alma desolada. *A posteridade imparcial julgará*; ella dirá si taes acções podem ser consideradas como provas do amôr filial, que esses soberanos se gabam de ter por sua santidade, e como signaes do zelo que elles pretendem professar pela santa sê.”

Respondendo á uma nota de Carlos III, anterior á essa, filha da convenção, mas que

tinha tambem por objecto a suppressão da companhia, dizia ao nuncio de Hespanha o ministro do papa:

“ Ao horror que experimenta sua santidade, ouvindo semelhante pedido, se vem juntar sua justa indignação, á vista das ameaças, pelas quaes se quer constrangel-o á prestar-se á execução d’uma medida tan arbitaria, e arrancar-lhe, por assim dizer, esta suppressão d’um modo insensato e contrario ás leis divina, natural e canonica. Sua santidade pensa que tereis respondido d’um modo conveniente á esses projectos e ameaças; e si se tiver ainda a coragem de renovar em vossa presença semelhantes pedidos, rompei imediatamente.”

Clemente XIII estava pois decidido á não ceder ás ameaças das cortes. Conscio de que não é por concessões indignas que a igreja deve conservar-se em paz, de que não devia sacrificar o instituto dos jesuitas á um capricho da politica, e de que não se tratava só d’esses padres, mas da igreja que era o verdadeiro alvo da guerra, elle repelle as exigencias e as ameaças com moderação, mas com firmeza.

Dando conta á seu governo do que se

passava com o papa sobre os negocios de Parma, escreve o embaixador francez:

“ O papa recebeu a minha instancia, e a leu toda com tranquillidade; depois, disse-me que na ultima audiencia eu tinha ido com ameaças, e que n'esta ia com as armas na mão. Eu lhe perguntei o que queria dizer com isto, e elle me responderu que eu chegava com o effeito das represalias que tinha annnciado, que Benevento estava occupado pelas tropas napolitanas, (esta noticia tinha chegado á noite, eu a tinha recebido pela manhã e singria que a ignorava), e que elle punha essas represalias, assim como as ameaças que as tinham precedido, aos pés de seu crucifixo. D'ahi entrou em um longo discurso sobre o que tinha feito, e sobre a necessidade que o levara, segundo sua consciencia, á expedir o breve que era o objecto de tantas queixas. Quando elle terminou, eu respondi á seu discurso, ponto por ponto. Disse-lhe claramente que seu breve havia sido injusto no fundo e na forma. “ Eis alli quem o julgará, replicou, elle apontando para um crucifixo.”

Passando depois ao negocio da secularização, continua o embaixador:—“ Ninguem se deve lisongear de que se possa jamais deter-

minar o papa á conceder de bom grado essa secularisação.....

..... “ Apesar dos embaraços em que esses meios (a tomada de Avinhão e Benevento) collocariam sua côrte, eu duvido que elles sejam sufficientes para o dicidir a decretal-a.

..... “ Elle me declarou muito seccamente que, si os jesuitas não faziam mais bem aos estados d'onde foram expulsos, fariam a outros.”

A attitude que Clemente XIII tomava em frente de seus inimigos, devia afinal capital-os de que pela força elles fariam quanto quizessem, mas que todas as violencias eram inuteis para subordinar a vontade e consciencia do pontifice á suas imposições, e que no meio de todas as ignominias de que o cercavam, elle conservaria a liberdade e a soberania da igreja.

Sua resignação e paciencia venceram a crueldade das perseguidores da companhia e da religião de Jesus; antes que elle cançasse de sofrer, cançaram elles de injuriar-o. Desenganados de enfraquecer sua constancia e seu valor, as côrtes julgaram mais conveniente esperar a sua morte, e appellar então para outro pontificado.

Eis-ahi os termos grosseiros e sacrilegos, diremos mesmo, as blasphemias com que Choi-seul reconhece a impossibilide de arrastar o papa á seus desejos. E' o praguejar furioso do vencid', mas uma bella prova do triumpho alcançado por Clemente XIII sobre a liga dos principes.

"Nós nada alcançaremos de Roma sob este pontificado: o ministro é muito obstinado e o papa muito *imbecil*. E' mister fazer correm os negocios com *uma verga de ferro* para oppôl-a á *cabeça do mesmo metal que rege a igreja*. Depois d'este papa nós cuidaremos em ter outro que convenha ás circumstancias."

Clemente XIII um *imbecil*! E porque? Por que não supprimia a companhia de Jesus, cuja conservação era pedida com instânciá pelo episcopado, cujo merito e virtudes elle conhecia de propria experiençia, e que contra si só tinha os inimigos da religião! *Imbecil*, por que não condescendia com a politica impia dos Bourbons, por que não transigia com a propria consciencia, por que não sacrificava á seu furor a causa dos innocentes, que em sua protecção tinham buscado o unico refugio que podiam encontrar contra as perseguições que soffriam!! Não; Clemente XIII comprehendia os homens e a epocha; sem que d'Alembert o dissesse, elle

sabia que era a encyclopedie que destruia os jesuitas, que se queria a queda da companhia como um golpe contra a igreja; e não violaria por conseguinte sua missão de pastor universal, extinguindo uma ordem espalhada por todo o mundo, só porque a França, a Hespanha e Portugal assim o queriam !

Clemente XIII pois *não convinha ás circumstancias*; mas por que *as circumstancias* significavam uma revolta contra a religião, e elle a condemnava por que não queria que o poder, que Deus lhe confiára, servisse de instrumento á seus inimigos; por que não preferia aos preceitos do Senhor os preceitos da philosophy.”

Appellou-se para sua morte, e ella não podia tardar; vergado sob o peso dos annos e do soffrimento, e contando as horas pelas afflições, que lhe causavam os proprios catholicos, seus filhos, o velho pontifice desceu em breve ao tumulo que lhe abriram aquelles mesmos que deviam ter piedade de sua velhice.

A memoria de Clemente XIII viverá sempre no coração de todo o catholico, coberta da aureola de gloria que o cercou em toda a sua vida.

Velho, e só tendo por armas sua fé e sua palavra, elle resistiu ás maiores potencias da

Europa, colligadas para abater o seu animo; sofreu e pediu, chorou e ameaçou, mas deixou a igreja livre e respeitada, e intacto o deposito sagrado entregue á sua guarda.

Foi um grande homem e um grande pontifice; a politica o chamou de *imbecil* porque elle foi superior á seus enredos e intrigas; mas seu pontificado, essa longa historia de lagrimas, dôres e opprobrio, que fizeram d'elle um martyr, será a sua justificação perante Deus e perante os homens.



CAPITULO XI.

Eleição de Clemente XIV.

A morte de Clément XIII, que enchia de receios aos jesuitas, encheu de esperanças á seus inimigos. Aquelles haviam perdido no pontifice um defensor extremamente dedicado, e estes um adversario de seus planos de extincão da companhia. A eleição que lhe havia dar um successor, era o objecto para onde se voltavam todas as vistas. Comprehende-se que os inimigos dos jesuitas, depois das lutas do ultimo pontificado, não haviam cruar os braços ante essa eleição, que poderia elevar ao papado um novo protector dos jesuitas; comprehende-se que ante a eleição em que se decidia talvez da sorte da sociedade de Jesus, não haviam ficar indiferentes aquelles que tanto desejavam sua destruição.

A intervenção das côrtes na eleição do papa que devia succeder á Clément XIII está patente nas instruções que ellas dam a seus embaixadores, e nas quaes sam designados os

que devem ser excluidos, e aquelles cuja eleição lhes é conveniente.

A maioria dos cardeaes sendo favoraveis á companhia, a questão tornava-se difficult. Ber-nis, cardeal da coroa franceza, caracterisa assim a situação do conclave, que tinha de eleger o papa, na carta que dirigiu, á 30 de março de 1769, ao duque de Choiseul: "E' muito simples prevêr as difficultades da negociação em um theatro onde *mais de tres quartos dos actores sam contra nós.*"

Entre quarenta e tres membros de que a 25 de abril se compunha o conclave, affirma Ravignan que o marquez d'Aubeterre contava vinte e cinco cardeaes, que claramente ou por meios occultos era mister excluir do papado, como muito favoraveis á companhia de Jesus. Theiner pronunciando-se sobre o aspecto que apresentava o conclave, diz que "a sociedade tinha seguramente no sagrado collegio grandes e ardentes partidistas, e bem poucos inimigos."

Como se haveriam pois os adversarios dos jesuitas para que fosse eleito um papa que *servisse as circunstancias*, como desejava Choiseul? Deixar que a eleição corresse livremente, era consentir que os jesuitas tivessem no novo papa um amigo, como tinham, segun-

do vimos, na maioria do collegio; elles se decidiram pois a intervir na eleição com toda a energia, assim de que seu resultado fosse contrario á companhia.

“ A luta suspensa por Clemente XIII e decidida por sua morte, escreve o conde de Saint-Priest, apresentava um interesse real, e não era destituida de gravidade e importancia No estado em que n'essa epocha se achavam os negocios, não havia mais transação possivel. A altivez dos Bourbons não lhes permittia renunciar á empresa começada. Depois de terem banido os jesuitas de seus estados, elles se julgavam obrigados por sua honra á fazel-os desapparecer da terra. Apesar da fraqueza do pontificado, esse papel não deixava de ser complicado, porque afinal era preciso arrancar da santa sé esse sacrificio; era ella quem devia licenciar essa milicia, que o seculo XVI viu nascer toda armada para combater o espirito novo. Era forçoso deixal-a perecer sob os golpes d'uma falsa philosophia. Era forçoso reconhecer os direitos d'essa filha da reforma, mais perigosa que sua mãe. *Não restava aos principes inimigos dos jesuitas si-não um meio de conseguil-o, era intiuídar o conclave que tinha de nomear o papa.* ”

Alem de seus embaixadores tinham os

monarchas em Roma os chamados—cardaes das corôas—, agentes de suas vontades, e que sustentavam as ideias que lhes eram por elles recommendedas. Na eleição, os cardaes das corôas eram defensores d'aquellas de que tinham os titulos; e nós os veremos receber instruções sobre sua conducta no conclave e sobre os meios que deviam empregar na eleição.

A' 19 de fevereiro de 1769 recebiam os cardaes Bernis e Luynes, as seguintes instruções da corte de Versailles :

“ Talvez nunca houvesse circumstancias em que fosse mais essencial para o bem da religião, para a honra da santa sé, para a tranquillidade dos estados catholicos, e para os interesses da corte de Roma, collocar sobre a cadeira de S. Pedro um homem digno por suas virtudes do supremo sacerocio, e capaz por seus talentos de preencher com vantagem e gloria as funcções respeitaveis e importantes de chefe da igreja.

“ O reinado de Clemente XIII acaba de demonstrar que não bastam a piedade a mais sincera, os costumes os mais puros e as mais rectas intenções para constituir um papa, e que lhe sam precisas bastantes luzes e conhecimentos para a administração tanto espiritual como temporal de que é encarregado; — o

que faltava absolutamente á Clemente XIII. D'ahi vem que, certamente sem o querer, e verosimilmente sem o saber, elle fez maior mal á igreja do que muitos de seus predecessores menos regulares e menos religiosos do que elle."
.....

" O rei e S.S. M.M. catholica e ceciliana concertaram entre si o plano de conducta uniforme que devem apresentar para obter do papa a *reparaçao brilhante* que têem direito á exigir d'elle.....
.....

" Acompanha, sob n.^o 1, uma copia das cinco condições de que os tres soberanos fazem depender sua reconciliação com a corte de Roma. (1)
.....

" Em todas as ocasiões que se apresentarem, e ellas serão frequentes e diárias, de

(1) As condições á que se referem as instruções sam as seguintes:

" 1.^a Retirar e annullar o breve de 30 de Janeiro e a monitoria de 1.^a de Fevereiro contra os edictos de Parma,

2.^a Reconhecer a soberania independente do infante de Parma;

3.^a Deixar a cidade de Avinhão e o condado Vene-

se explicarem com os outros membros do sagrado collegio sobre as disposições do rei,acerca dos meios e das medidas á empregar para chegar-se á uma accommodação entre S. M. e a corte de Roma, os Srs. cardeaes de Luynes e de Bernis declararão que as intenções do rei, que lhe saem communs com os de Hespanha e de Napoles,jamais variaram,e S.S. M.M. jamais se apartarão das condições que propuseram.

“ O rei não tem pessoalmente plano formado, quer para elevar ao throno pontifical, quer para d'elle excluir á este ou aquelle membro do sagrado collegio. S. M. deseja mesmo não se achar na necessidade de dar á algum d'entre elles uma exclusão authentica.”

“ Ha entretanto um caso em que isto seria preciso, e é o de pensarem os Srs. cardeaes de Luynes e de Bernis que as vozes necessarias para eleger um papa poderiam se reunir em favor de um individuo, cujos prejuizos pessoaes, cujas affeições particulares e zelo cego

siano incorporados á corôa de França, e Benevento e Pontecorvo á das Duas-Cecilias;

4.^a Exilar de Roma o cardenal Torregiani;

5.^a Extinguir totalmente a sociedade de Jesus; secularisar todos os seus membros e exilar de Roma o padre Ricci, seu geral.”

e imprudente, tornariam sua administração perigosa e talvez perniciosa e fatal á religião e a tranquillidade dos estados catholicos. D'este numero sam os cardeaes Torregiani, Boschi, Buonaccorsi e Castelli.”

.....

“O rei de Hespanha e seguramente a corte de Napoles desejam infinitamente que o cardeal de Sersale, arcebispo de Napoles, seja elevado á cadeira de S. Pedro. O rei concorrerá com todo o seu poder para que se realisem os votos de SS. MM. catholica e ceciliana, e deseja que os senhores cardeaes de Luynes e de Bernis se unam aos cardeaes ligados a Hespanha e Napoles, para fazereim quanto fôr possivel pela eleição do cardeal Sersale.

“Seria este o lugar de dar aos senhores cardeaes de Luynes e de Bernis noções particulares do caracter, dos talentos, das affeições e do credito de cada membro do sagrado collegio; mas o marquez d'Aubeterre lhes comunicará todos os seus conhecimentos á respeito, e lhes dará os esclarecimentos de que precisarem.”

E' com semelhantes instruções, que se apresentam no conclave os cardeaes franceses. Elles não vam depôr os seus votos e concorrer legitima e conscienciosamente para a elei-

ção; pretendem pelo contrario, em observancia ás ordens e recommendações que recebem das cōrtes, violar todas as regras canonicas, todos os principios de independencia e de liberdade da igreja, e de dignidade propria, para que triumphe a vontade impia e sacrilega das corôas.

As instruções da corte de Madrid á seus embaixadores em Roma, levam á evidencia o que dissemos, e provam incontestavelmente a opinião do conclave em favor da companhia. Sam tantos os cardeaes qualificados de impro prios para succeder á Clemente XIII, sam taes os meios, cujo emprego é aconselhado para violentar o animo do sagrado collegio, que não é possivel fugir á conclusão, de que si a eleição tivesse sido feita com liberdade, e si a influencia da França, da Hespanha, de Portugal e de Napoles não tivesse pesado na balança, a sorte dos jesuitas seria outra, e outra a da igreja; Clemente XIII teria tido em seu successor o que só muito depois veio á ter em Pio VII, um sustentador da independencia da igreja, ainda a custa de todos os sacrificios. (1)

(1) Theiner escreve o seguinte á respeito das instruções enviadas por Carlos III sobre a eleição do novo pontífice:

“ As instruções da corte de Madrid sobre os car-

N'essas instruções está clara a disposição em que estavam as cōrtes de escolher um papa, que servisse á seus planos. Escrutava-se os mais intimos pensamentos dos cardeaes, procurava-se conhecer as suas ideias, e sobre-tudo sua opinião á respeito da companhia.

Bernis desempenhando as instruções, que recebera, escreve do conclave á d'Aubeterre:

“ Tudo o que posso dizer-vos, é que na lista dos que podem ser escolhidos, ha jesuitas, tam jesuitas, que por taes os conheço, e que para achar aqui verdadeiros inimigos d'essa sociedade, seria preciso ser Deus e lér nos corações. Nós vamos agora em silencio cultivar nossas *creaturas* e aumentar o seu numero.”

Apreciemos a correspondencia secreta entre os ministros, os embaixadores e os cardeaes aceitos pelas cōrtes, e que eram tam ardente-mente desejadas por Ornisi, chegaram afinal á Roma, no principio do mez de Março. Ellas eram ainda acompanhadas d'uma breve esboço do caracter dos cardeaes, que se achavam presentes no conclave, e cujo numero se elevava á 44.

“ Os cardeaes ahi sam classificados, segundo sua idade, e divididos em quatro classes.

“ A primeira comprehende os *bons*, isto é, aquelles que sam agradaveis ás cōrtes, e de entre os quaes devia ser eleito o papa. Eram elles 11, á frente dos

deaes das corôas, e teremos ahí a historia dos meios empregados para que fosse eleito um pontífice inimigo dos jesuitas. Promessas, terror e ameaças, tudo é empregado para submitter o conclave á vontade das côrtes.

Azparu escrevendo ao conde d'Aranda, diz o seguinte sobre os jesuitas, cuja extinção era uma das condições exigidas da corte de Roma :

“ V. Exc. não tem necessidade de torturar os factos e a lei, para ferir á companhia de Loyola. S. M. proferiu o decreto, e elle foi executado sem appellação. O segredo do rei responde á tudo; e elle apresenta a morte dos jesuitas como uma condição—*sine qua non*. *Pouco importa que o crime esteja ou não provado, si o accusado está condemnado.*” (!!!!!)

quaes estava Sersale, de idade de 67 annos, considerado pela Hespanha como o melhor; depois vem os que sam qualificados de *bons*: Cavalchini, de 86 annos; Neri Corsini, de 84; Conti, de 80; Durini, de 76; Ganganelli, de 64; Pirelli, de 61; Negroni, de 59; Branciforte de 58; Caraccioli de 54; e André Corsini, de 34.

“ Na segunda classe dos *maos*, contavam-se 21, dos quaes 6 devem ser excluidos absolutamente, e os outros segundo as circumstancias. Os 6 primeiros sam por isso qualificados de *pessimi*: Torregiani, 72 annos;

Quanto despreso á justiça respiram estas ultimas palavras!

Bernis escrevia á d'Aubeterre: "A memoria theologica que vós me enviastes, repousa sobre este principio: é incontestavel que a destruição dos jesuitas é o maior bem que se pôde fazer á religião. Este princípio actualmente pôde ser verdadeiro; mas é contestado pela metade do clero ao menos, por um grande numero de cardeaes, de bispos e de pessoas de todos os paizes e estados. Assim o princípio fundamental é uma suposição e não um princípio."

"Si se podesse, lhe diz por sua vez d'Aubeterre, chegar á assegurar a destruição dos jesuitas, seria isto ganhar segundo minha opinião uma das mais essenciaes das cinco condições; e creio que esta daria grande facil-

Castelli, 64; Buonaccorsi, 61; Chigi, 58; Boschi, 54; e Rezzonico 45. Como maos no positivo, sam assignalados 15 cardeaes, á saber: Oddi, 90 annos; Alexandre Albani, 77; Lante, 74; Rossi, 73; Calini, 73; Veterani, 66; Molino, 64; Priuli, 62; Fantuzzi, 61; Buffalini, 60; delle Lanze, 57; Spinola, 56; Paracciani, 54; J. F. Albani, 49; Borromeo, 49; e emfim Colonna 45.

"A terceira classe contem douis cardeaes *dúvidosos*, isto é, em quem se não pôde fiar, e que por conseguinte, nenhuma attenção merecem no conclave; sam: Stoppani e Serbelloni, ambos de 74 annos.

dade para chegar ao arranjo das outras quatro."

A má fé com que todos esses homens procediam é evidente. Todos elles conheciam e confessavam a injustiça da causa que defendiam, e apesar d'isto, não recuavam em sustentá-la em face do mundo. Vendo na eleição á que se ia proceder uma occasião que não deviam perder para alcançar a secularisação da companhia, elles queriam impôr ao conclave um papaga que previamente lh'a proinlettesse, ou cujas ideias lhes infundissem semelhante esperança.

Sersale, arcebispo de Napoles, é o primeiro candidato das cónices. O mesmo empenho com que ellas o protegem faz arredar d'ele toda a confiança do sagrado collegio. "Parece perigoso, escreve Bernis, propôr o car-

" A quarta e ultima classe encerra enfim sete cardeas, que não eram homens eminentes, nem por seu carácter, nem por seu talento, e que antes por sua incapacidade do que por seus sentimentos, mereciam ser excluidos do pontificado. Elles eram por isso decorados, sem mais ceremónia, com o nome de *cardeas nullos*. Esses cardeas eram oito; eis-ahi seus nomes e sua idade: Guglielmi, de 75 annos; Canali, 74; Pozzobonelli, 73; Perelli, 73; Malvezzi, 54; Pallavicini, 50; Pamphili Colonna e o duque de Yorek, 44.

" O duque de Choiseul não deixou de fazer notas

deal Sersale. Seria um meio de o fazer excluir. E' publico que as tres corôas se interessam por este cardeal, o que nos obriga á uma grande reserva á seu respeito."

A candidatura de Sersale foi pouco depois abandonada.

Malvezzi e Rossi se apresentam então aos olhos dos embaixadores como homens proprios para o que queriam; elles os propõe, e o collegio os recusa.

" Malvezzi é de todos os cardeaes, diz d'Aubeterre á Bernis, apresentando-o, o que me parece mais livre das ideias ultramontanas."

" Vós fazeis muito bem, insistindo por Malvezzi, lhe diz Bernis. Assim quizesse o céo que elle triumphasse. Por demais se tem explicado sobre o negocio dos jesuitas para marginaes sobre muitos d'esses cardeaes; e n'ellas mostra um espirito muito mais justo do que os autores hespanhóes. Por exemplo, sobre Cavalchini, elle observa: " *muito velho* "; sobre Negroni: " *muito joven* "; sobre Nerio Corsini e Conti: " *impossibleis* "; sobre Gan-ganelli: " *muito bom* "; sobre Stoppani e Serbelloni, qualificados de duvidosos na lista da Hespanha: " E' um d'elles que será papa, e então é preciso que Pallavicini seja secretario d'estado; emfin sobre Perelli: " *bom* "; e sobre Pallavicini, de noyo: " Secretario d'estado. "

poder recuar; a questão seria de forma, porém isto não pode ser de outro modo, quando se é chefe da igreja. Mas não o quizeram porque é muito joven e muito illustrado."

D'Aubeterre lhe replica:

" Recebi o bilhete de vossa eminencia n. 30. Em minha opinião, a classe dos indiferentes teria sido confundida com a dos bons, e vossas eminencias seriam senhores de trabalhar por quem quizessem. Mas não pude resolver M. Azparu á pôr si quer Stoppani entre os bons. Foi necessario deixal-o no lugar em que veio da Hespanha. Eu poria tambem Rossi entre os indiferentes, não porque o julgue de primeiro merecimento, mas por que o considero *um homem sem escrupulos, sem opiniões, e que não consulta sinão o seu interesse.* PENSO QUE UM PAPA D'ESSA TEMPERA CONVIRIA AS CORÓAS."

Entre os diversos candidatos, que se apresentavam, ou eram apresentados, si apparecia algum cardeal que houvesse declarado sua opinião em favor dos jesuitas, os embaixadores erguiam a voz, ameaçavam com a separação das tres corôas do gremio catholico, e os suffragios eram desviados.

O ministro da Hespanha dizia ao embai-

xador:—Vê-se o temor que tem todas essas eminencias de desagradar as côrtes. Não é mau signal.”

Chigi, Pozzobonelli, Colonna, Fantuzzi por sua vez apareceram, como candidatos prováveis; Bernis apressa-se em comunicar á 3 de maio á d'Aubeterre e á Choiseul, e a violencia triumpha sobre a liberdade :

“ Vam propôr o cardeal Colonna, *homem piedoso, applicado, mas muito joven,* e abertamente ligado aos jesuitas. Nós o faremos cahir com toda a prudencia possivel; Spinola, que tem espirito, mas á quem a Hespanha teme, será tambem proposto. Paranciani e Rossi o serão tambem. Farão um exforço por Chigi e outro maior por Pozzobonelli, arcebispo de Milão e encarregado das instruções da corte de Vienna. Ha muito tempo que eu peço á M. d'Aubeterre que obtenha da corte de Vienna permissão para que nos opponhamos á eleição de Pozzobonelli, fraco por si mesmo, amigo secreto dos jesuitas e que não pôde convir ás corôas por sua ligação á bulla—*in cœna Domini*, que elle defendeu com coragem, apesar das ordens da corte de Vienna. E' delicado atacar claramente um *homem, estimado como Pozzobonelli, por seus costumes e por suas virtudes ecclesiasticas.*”

Assim não eram as *virtudes eclesiasticas*, nem os *bons costumes* o que se procurava nos candidatos; queria-se, como declarara d'Aubeterre no trecho que já citamos, um homem sem *escrupulos*, sem *opiniões*, e que não consultasse sinão seus interesses.

“Sou advertido, escreve a 6 de maio Bernis, que o partido de Pozzobonelli cresce. E' preciso uma decisão sobre isto.” E á 8 do mesmo mez: — “Fantuzzi cahiu e trabalha-se seriamente por Pozzobonelli. E' certo que Fantuzzi reunia todos os votos. Talvez, e peço que vos lembreis d'isso, talvez que nos tenhamos de arrepender de o haver destronizado.”

A accão da politica sobre o sagrado collegio se manifesta á cada palavra d'essa correspondencia diplomatica:—“Nós devemos fallar ao cardeal le York, diz d'Aubeterre, dirigindo-se á Choiseul. E' provavel que este principe,tanto por seu modo de pensar, que se tem fortificado depois que elle se separou dos jesuitas,como por seu reconhecimento aos beneficios que recebe da França e d'Hespanha, seguirá inteiramente o partido das corôas. Fallarei tambem ao cardeal Lante. Creio que elle não tem muito boa vontade á nosso respeito. No ultimo conclave, elle se portou muito mal. Eu lhe direi

claramente que si fizer o mesmo n'este, o rei retirará a protecção que lhe concede, e que alem d'isso, ignoro o que succederá ás rendas que elle possue na França."

A ameaça produziu todo o seu effeito. O cardeal Lante curvou-se á imposição das côrtes. Bernis dá conta á d'Aubeterre de sua fraqueza. "Posso fazer justiça ao cardeal Lante. Ele se tem portado maravilhosamente no conclave, e não duvido que, quando fôr deão do sagrado collegio, mereça que o rei acolha com bondade os pedidos que elle faz pelo duque de Lante, seu sobrinho."

Desconfiava-se de todos os cardeaes, dizia-se que todos elles se inclinavam em favor dos jesuitas e procurava-se obter segurança de seus votos. Ia mais longe a prevenção. Queria-se a eleição de um papa, cujas ideias, contrarias aos jesuitas, fossem conhecidas, mas temia-se que, elevado ao throno, elle deixasse de realisal-as. Julgavam preciso por conseguinte alcançar d'elle uma promessa n'este sentido e feita em termos obrigatorios:—"O que se faz com todos, diz d'Aubeterre á Bernis, poderia fazer vossa eminencia em particular com aquelle que deverá ser eleito, antes que sua eleição seja decidida, e fazendo d'isto uma condição. Um cardeal, antes de ser papa, pres-

ta-se á isto para sê-lo; e ha muitos exemplos d'essa especie de convenção. Seria preciso então reduzir-se á destruição dos jesuitas unicamente, reservando o resto para depois; obter d'ele uma promessa por escripto, e si a recusar absolutamente, uma promessa verbal perante testemunhas."

Dous dias depois dirige-se o embaixador ao cardeal nos seguintes termos, em que procura destruir as duvidas que este lhe propõe sobre a medida de que acabamos de tractar:—
“ Eu não posso fazer outra cousa sinão respeitar os principios que vossa eminencia estabelece, sobre a delicadesa necessaria para fazer uma convenção com o papa futuro, acerca da destruição dos jesuitas. Eu vejo com pesar que este negocio, que julgo util quanto ao espiritual e quanto ao temporal, durará por muito tempo, si não ficar inteiramente malogrado segundo as circumstancias. Quanto aos italians, eu não creio que elles façam d'essa promessa uma questão de consciencia. Não ha um só que deixasse de fazer semelhante *negocio* para ser papa. Eu os conheço muito bem para pensar de outro modo; e os exemplos sam frequentes. Si se possuisse um bilhete por escripto, seria preciso que aquelle que o tivesse feito o executasse, sob pena de se vêr des-

honrado publicamente á face da catholicidade.” No dia seguinte ainda d’Aubeterre volta sobre essa ideia que tanta repugnancia causa á Bernis :

“ Estou verdadeiramente afflito pôr ver que vossa eminencia reprova o *arranjo particular*, que lhe propuz, o qual é desejado pela Hespanha e o seria infallivelmente pela França, si se tivesse tractado d’isso. - A eleição de um novo papa, é a mais favoravel circumstancia que podia apparecer para os nossos planos. Nada arranjar com elle previamen-te, seria perder tudo, e deixar escapar a mais bella occasião, assim como o melhor meio, e mais seguro do que todos os que poderiam depois ser empregados pelas cōrtes.

.....
“ Nada ha mais duvidoso do que aquillo que fará á un papa, qualquer que elle seja, quando fôr eleito, si antes não estiver compromettido.”

Bernis, apesar de vendido ao governo de Luiz XV, atrevia-se á dizer á d’Aubeterre, que seu estado de sacerdote não lhe permittia dar sua approvação á convenção que se pretendia propôr ao papa futuro. “ Pedir ao papa futuro a promessa, por escripto ou perante testemunhas, da destruição dos jesuitas, seria expor

visivelmente a honra das corôas com a violação de todas as regras canonicas. Si um cardeal fosse capaz de fazer um tal contracto, devia ser julgado ainda mais capaz de deixar de cumpril-o. Um padre ou um bispo instruidos não podem aceitar nem propôr semelhantes condições."

Essa resistencia de Bernis embaraçava seriamente a d'Aubeterre; e elle julgava já perdida a esperança de obrigar o papa por uma promessa formal á destruir os jesuitas, quando Solis e os demais cardeaes hespanhóes declararam que não iriam á eleição sem esta condição. Os embaixadores aplaudiram e animaram a resolução dos cardeaes, e Bernis limitou-se á declarar á d'Aubeterre: "que si os cardeaes hespanhóes persistiam no emprego d'esse meio, elle e Luynes não se opporiam, mas tambem não tomariam parte n'elle."

Estavam as cousas n'esse ponto, quando entre todos os candidatos que se levantavam n'um dia para cahirem no outro, é apresentado Ganganelli, o unico religioso que existia no conclave, e o unico que se soubera manter imparcial e silencioso no meio d'aquelle luta de intrigas.

"Si Ganganelli não tivesse medo de prejudicar-se, ligando-se ás corôas, escreve do

conclave Bernis á d'Aubeterre, haveria para mim mais recursos n'elle do que em qualquer outro, mas isto não pôde ser, por que á força de artificio elle faz mal á seus negocios; quanto mais elle se oculta mais se suspeita sua ambição; porem elle se acostumou no claustro á essa conducta, e tem medo de sua sombra; é pena.”

Continuando a fallar de Ganganelli, diz Bernis: “ Elle affecta muitas attenções pelos francezes, e parece estar muito bem com á corte de Hespanha. Succedeu ao celebre Passionei no officio de relator do processo de canonisação do veneravel Palafox. Todos admiraram sua coragem, por acceptar esta commissão no tempo presente. Elle não parece amigo da sociedade de Jesus. Em geral, julgam-n'o capaz dos actos mais atrevidos para chegar á seus fins.”

Ganganelli era pois o candidato das corôas. Ellas o acceptam, e vam empregar para a sua eleição todos os recursos de que dispõem. Bernis encarregado dos interesses das corôas por parte da França, vai communicando á d'Aubeterre, dia por dia, hora por hora, as diversas circumssancias que vam ocorrendo no conclave sobre esse negocio.

16 de maio:

“Vai-se propôr Ganganelli. Não é facil decifrar seus verdadeiros sentimentos. Sei que M. Azparu e vós senhor embaixador, tendes d'elle boa opinião. Elle não tem cuidado em me inspirar a mesma ideia, e de todos os candidatos é aquelle cujo horoscopo eu menos me arriscaria á fazer, si elle fôr eleito.”

No mesmo dia :

“Os senhores hespanhóes não nos dizem tudo. Si elles tivessem fallado, não teríamos feito reflexão alguma sobre Ganganelli. Nós o viamos ligado aos Albani, e isto nos pareceu suspeito.”

Algumas horas depois escrevia de novo o cardeal á d'Aubeterre :

“Eu estava tam apressado quando tive a honra de escrever á V. Exc., antes e depois de jantar, no mesmo bilhete, que temo ter-me explicado mal e que tenhaes crido que me queixava de vossa reserva, quando eu só tinha á queixar-me da dos hespanhóes. *Elles fizeram a negociação com Ganganelli*: não era necessário que nos dissessem o principal da negociação, mas elles nos deveriam dizer que estavam seguros dos sentimentos do cardeal.

.....

“Esta manhã disse-me o cardeal de So-

lis, á quem eu tenho mostrado minha admiração pela intimidade dos Albani com Ganganelli, que era preciso desde o primeiro escrutinio votar por elle.

.....

“ Eu declarei aos hespanhóes, depois de lhes fazer perceber ligeiramente que via tudo, que nós os seguiríamos na forma que elles desejavam, e que todas as suspeitas se haviam dissipado desde o momento em que declaravam estar seguros de Ganganelli e dos Albani.”

Entretanto nem Bernis, nem d'Aubeterre confiavam ainda em Ganganelli.

O embaixador, dirigindo-se ao cardeal, exprime nos seguintes termos a desconfiança que lhe inspira o futuro papa, apesar da promessa assignada de destruir os jesuitas :

“ Si M. Azparu não tem segurado seu negocio por grandes sommas e pela esperança de maiores, não me espantarei si os hespanhóes forem logrados, tanto mais quanto os Albani não abandonarão jamais os jesuitas, e não votarão em Ganganelli, sinão no caso de lhes dar elle as mais fortes garantias de manter a sociedade. Quando se faz certas cartas, nada custa fazer outras em contrario, e não se deve fiar mais em umas do que em outras.”

Bernis julga conveniente prevenir á Choi-

seul sobre as suspeitas que lhe causava Ganganelli :--“Como devemos dizer a verdade ao rei, não lhe podemos occultar que esse cardenal, por sua vida mysteriosa, nos tem causado suspeitas, e que é impossivel responder affirmativamente por seus principios, e mesmo até saber qual será o seu systema de governo, tam obscuro é o seu proceder.... Um religioso que partiu de tam longe, e que tem abandonado seus protectores, sempre que isto lhe tem parecido util á seus interesses, é bem suspeito, si não é perigoso.”

Apesar d'essas suspeitas e desconfianças, não cessaram os exforços pela eleição de Ganganelli, e o numero de seus votos crescia cada dia. O interesse e o temor eram as armas da cabala. Por meio de grandes pensões, e de avultadas sommas obtinha-se os votos d'aquelles, para quem a consciencia e o dever eram palavras vãas; os demais votos eram arrancados pelo temor. “Que vossa eminencia falle alto, recommendava d'Aubeterre á Bernis, que se encolerise, si fôr necessario. E' preciso amedrontal-os.” E depois: “Ganganelli é do agrado das côrtes. E ellas terão toda a vantagem com sua elevação, ao menos aos olhos do publico. Si acontecer que depois não sejam contentes de seu pontificado, nós não

teremos a culpa. E si fôr bom, nos aproveitaremos d'elle como os outros. Tudo isto pertence ao acaso. Ganganelli vale tanto como os outros. Não se pôde fiar em nenhum.”

Bernis participava d'essas ideias de d'Aubeterre; e já as havia manifestado, entretanto concebera a ideia de dominar sobre o papa, fazendo-lhe crêr que sem os exforços da França, elle não seria eleito.

“ Eu farei saber a Ganganelli, dizia Bernis ao embaixador, que sem o nosso concurso, nada alcançaria, e que por isso deve ser ligado á França. E' preciso que elle nos tema um pouco. Julgo essa precaução essencial, porque sem ella o nosso papel seria absolutamente passivo e ridículo.”

No dia 17 de maio, escreve ainda Bernis :

“ Recebi o bilhete de V. Exc. n. 52. Em consequencia d'elle nós iremos no escrutinio á vellas soltas para Ganganelli, e a paciencia nos alcançará os votos que nos faltam.”

No dia 18, pela manhã:

“ Si o negocio de Ganganelli não se conclue em quatro dias, está perdido para sempre. O que me tem tranquillisado um pouco, é que hontem á noite Ganganelli fallou ao padre Lestache, não como um papa por eleger, mas

como um papa eleito. Resta agora saber se o monge, acostumado às intrigas, não se enganou nesta....”

No mesmo dia à noite :

“ As cousas caminham bem. Deus queria que o barco não naufrague ao surgir no porto!”

No dia 19 estava Ganganelli *elevado ao papado*, e chamava-se Clemente XIV.

Mas com que condições collocou elle sobre a cabeça a tiara pontifical? Porque motivos e com que fim as côrtes, que haviam guerreado a candidatura de Chigi, de Pozzobonelli, de Fantuzzi e de outros, não só percutiram a sua, mas até empregaram em seu favor todo o seu poder? Uma causa é fóra de toda a dúvida, e é que si Ganganelli fosse adverso às ideias das côrtes, não seria elle o sucessor de Clemente XIII.

Não precisamos porém de fazer conjecturas, quando ha um facto, uma prova de que, anteriormente à eleição, elle manifestou aceitar os principios porque as corôas pugnavam em presença da corte de Roma. Elle escreveu que: “ reconhecia no soberano pontifice o direito e o poder de extinguir em consciencia a companhia de Jesus, observando as regras canonicas, e que era para desejar que o

futuro papa fizesse todos os exforços para cumprir o voto das corôas.”

Não ha ahi uma verdadeira symonia, não ha para elle ahi uma perfeita obrigação de extinguir a sociedade, porque elle não disse : si eu fôr eleito a extinguirei; mas ha a declaração de seu pensamento sobre a questão, que n'este tempo se discutia, de saber, si o papa, em consciencia e sem violar as leis canonicas, podia supprimir a ordem dos jesuitas. Ganganelli tendo escripto aquellas imprudentes e fataes palavras, deu á perceber ás côrtes que as realisaria, sendo eleito, chamou por ellas em seu favor os votos dos partidistas das côrtes, e cahiria em uma contradicção vergonhosa si não cumprisse o que promettera!

Não podemos em vista dos factos justificar a conducta de Ganganelli; dizemol-o com pesar, mas é forçoso dizer-l-o, Ganganelli aspirando ao papado não teve a coragem de renunciar-l-o, quando se lhe offerecia a tiara a troco de uma concessão indigna. Elle esperou, como provam os tres primeiros annos de seu pontificado, poder dissuadir as côrtes de sua idéa fixa, a *destruição da companhia*, e fazel-as esquecer o cumprimento de sua promessa. “O escripto que elles conseguiram que o papa assignasse, não é de modo algum obrigatorio;

elle me fez lér o seu theor." Estas expressões de Bernis, que com todas as suas forças havia combatido a ideia de exigir-se uma promessa do papa, prova á toda á evidencia a veracidade d'esse escripto. Ganganelli porém esqueceu-se de que as côrtes, tendo jurado um odio mortal aos jesuitas, tendo trabalhado por sua extincção, e o elevado ao papado para a decretar, não o dispensariam do cumprimento de sua promessa. Elle prometteu o sacrificio na esperança de o poder evitar, era porém mister practical-o.

A eleição de Clemente XIV tem á nosso vêr o defeito de ter agradado ás côrtes, de ser applaudida pelos inimigos da igreja, e de haver motivado a sua realização uma infinitade de favores da parte dos principes, á bem d'aquelles que por ella haviam trabalhado.

Examinemos seu pontificado e vejamos a audacia com que as côrtes exigem, e a fraqueza com que elle concede-lhes a suppressão total dos jesuitas.



CAPITULO XII.

Clemente XIV ou a suppressão da companhia.

Acabamos de vêr que a eleição de Clemente XIV foi um facto partido da liga contra a companhia e um passo dado para a sua extincção.

Os exforços das côrtes, então inteiramente entregues a philosophia impia d'aquelle seculo, para o elegerem, e os applausos com que saudaram sua elevação á cadeira apostolica, não honram nada á memoria d'aquelle pontifice, embora fossem elles, como observa Ravignan, as flôres com que se coroava a victima.

Clemente XIV, collocado na cadeira de S. Pedro para anniquilar os jesuitas, e tendo previamente promettido fazel-o, devia optar entre o amôr que lhes consagrava, e a obrigação em que estava de satisfazer as imposições das côrtes. Infelizmente a força triumphou sobre a justiça, a impiedade sobre a religião, e a virtude soffreu as penas do crime....

“Jamais talvez, escreve Schoell, a sé apostolica se achou, nos tempos modernos, em uma crise como a que sucedeu á morte do papa Rezzonico. As côrtes de Madrid, de Versailles e de Napoles, onde o partido philosophico dominava, empregaram todos os meios para elevar á cadeira apostolica um pontifice, que quizesse consentir em sacrificar os jesuitas;—porque nós não podemos considerar a suppressão de sua ordem, sinão como um sacrificio penivel exigido do papa.”

Era de feito um sacrificio, diz muito bem o sabio protestante, e um sacrificio em que jamais o papa devera consentir, nem mesmo para sel-o. Era um sacrificio pedido em nome da paz da igreja, mas para sacrificial-a. Clemente XIV não teve a coragem de recusal-o, como o fizera até a morte seu antecessor. Habil como era, elle devia prever que seu animo fraquejaria ante as ameaças das côrtes, e, renunciando o papado, evitaria um acto que as circumstancias podem attenuar, porem nunca justificar.

Desde que Clemente XIV empunha o sceptro, as côrtes apresentam-lhe as suas exigencias com mais audacia ainda do que haviam feito á Clemente XIII.

A politica suppunha-se então com um

direito adquirido, e exigia a suppressão da companhia como o cumprimento de uma obrigação da parte do papa. Bernis, substituindo á d'Aubeterre na embaixada da França, redobra de esforços para conseguir o *desideratum* das cóntes.

A recompensâ de seus primeiros serviços animava-o á novos. "Todo o mundo, escreve o ministro hespanhol Roda, está esperando os primeiros actos do papa." As cóntes julgavam que o primeiro decreto de Clemente XIV seria a morte dos jesuitas, ellas haviam, para isso, ordenado á seus embaixadores que a solicitassem vigorosamente; mas qual não foi a sua raiva, quando, em vez da extinção, o papa decreta indulgencias aos jesuitas, á quem denomina de—*fervorosos obreiros do campo do Senhor!*

Diz assim o breve: — "Nós derramamos voluntariamente os bens celestes sobre aquelles que procuram com grande ardor a salvação das almas, por sua viva caridade para com Deus e para com o proximo, e por seu zelo infatigavel pelo bem da religião. E como comprehendemos entre esses fervorosos obreiros do Senhor, os religiosos da companhia de Jesus, e aquelles sobre tudo a quem nosso querido filho, Lourenço Ricci, tem o designio de enviar

n'este anno e nos seguintes para as diversas provincias, afim de ahi trabalharem pela salvação das almas, desejamos sustentar e augmentar, por favores espirituas, a piedade e o zelo emprehendedor e activo d'esses mesmos religiosos.

O breve — *Cælestium munierum thesauros* — era um acto costumado dos pontifices, e que se repetia de sete em sete annos. Não foi pois expedido especialmente sobre os jesuitas, nem de proposito para elogial-os; entretanto por elle se prova que Clemente XIV os julgava dignos dos bens celestes.

As côrtes indignaram-se a vista d'elles e começaram á perder a esperança de que o papa, que assim publicamente elogiava os jesuitas, fosse o seu destruidor.

Choiseul, depois de ter manifestado ao nuncio apostolico em Paris a sua desapprovação ao breve, escrevia á Bernis: "Vós representareis ao papa que a demora, que se lhe concede para formar um plano e executal-o, não pôde ser maior de douz mezes. Vossa eminencia sollicitará o resultado de sua nota com o zelo, actividade, força e docilidade de que é capaz, mas eu o previno de que, passado o termo, não se poderá impedir aos soberanos da casa de Bourbon de romperem toda communi-

cação com um papa que *ou zomba de nós, ou nos é inutil.* (1) ”

Clemente XIV estava porem resolvido á fazer algumas concessões ás côrtes, e á salvar por meio d'ellas a companhia da destruição. Pouco depois da sua elevação, elle escreve á Luiz XV, respondendo ás exigencias que em seu nome fazia Choiseul:—“Pelo que diz respeito aos jesuitas, eu não posso, nem censurar, nem aniquilar um instituto, louvado por dezavante de meus predecessores. Eu o posso tanto menos, quanto elle foi confirmado pelo santo concilio de Trento, e quanto, segundo vossas maximas francesas, o concilio geral está á cima do papa. Si se quizer, eu reunirei um concilio geral, onde tudo será discutido com justiça, de ambos os lados, e no qual os jesuitas serão ouvidos para se defenderem, porque eu devo á elles, como á toda ordem religiosa, equidade e protecção. Alem d'isso, a Polonia, a Sardenha e o rei da Prussia me tem escripto em seu favor. Assim, eu não posso com sua destruição

(1) Na carta particular que acompanhou essa nota, exprime-se assim Choiseul a respeito do papa, á quem publicamente elogiava: “ E' bem difficil que um monge não seja sempre um monge, e ainda mais difficil, que um monge italiano trate negocios com franqueza e honestade.

contentar alguns principes, sinão descontentando outros.”

Choiseul dirige então ao embaixador a seguinte carta, em que lhe indica a conducta que elle deve seguir e a forma porque deve proceder na questão:—“Eu penso com o rei da Hespanha, que o *papa é fraco ou falso*: fraco, hesitando operar o que seu espirito, seu coração e suas promessas exigem; falso, procurando illudir as côrtes com esperanças enganadoras. Nós porem seríamos fracos, senhor cardenal, se esperassemos que o santo padre tivesse o consentimento de todos os principes católicos para a extincção dos jesuitas. Vós sentis quanta demora e dificuldade traria essa medida. Quando elle a propõe, trata-nos como crianças, que não têm conhecimento algum dos homens, dos negocios e das côrtes.

“ Eu não sei si se *fez bem*, expulsando os jesuitas da França e da Hespanha. Creio que ainda *foi peior* exigir claramente de Roma a suppressão da ordem, e advertir a Europa d’essa exigencia. (1) Tudo isto porem está feito.

“ A questão que agita os gabinetes, é esta: os jesuitas serão ou não destruidos? A vic-

(1) “ E’ assim, diz o conde de Saint'-Priest, que com uma leviandade incrivel, Choiseul censurava a medida da qual tinha sido autor.”

toria será d'elles ou dos reis? Não se pode em verdade ver este quadro de sangue frio, sem que se sinta a sua indecencia; e si eu fosse embaixador em Roma, teria vergonha de vêr o padre Ricci antagonista do meu soberano.”

“ Assim como vós, senhor duque, lhe responde Bernis, não examino, si se fez bem ou mal expulsando os jesuitas de quatro reinos, e pedindo tam formalmente a extincção de sua ordem em todo o universo. Eu parto do ponto em que estamos. E’ preciso que os reis de França e de Hespanha ganhem a batalha em que estam com o geral dos jesuitas.

“ E’ só o papa quem pôde fazel-a ganhar; e trata-se de resolvê-lo á isto. Elle é bispo, deve seguir as formas canonicas e attender ao clero e á propria reputação. E’ principe temporal, e como tal obrigado á ter muitas attenções com a corte de Vienna e de Turim, bem como com a Polonia. Isto demanda tempo.”

O papa de feito só queria ganhar tempo para aproveitá-lo em modificar a irritação das córtes, e na esperança de desarmar o braço inimigo á custa de alguns sofrimentos que imporia aos jesuitas; com este intuito, elle prohibe-lhes comparecerem em sua presença. Esse acto do papa, que levou os jesuitas á maior cons-

ternação, não satisfez as côrtes, á cujo odio só bastava sua extincão.

O nuncio de Hespanha manifestava assim ao governo do papa as disposições em que se achava Carlos III:—"O rei catholico está tam forte e irrevogavelmente decidido á levar adeante esse negocio, que na hypothese d'uma recusa, teme-se que elle tome alguma resolução extrema."

Os embaixadores, fieis ao pensamento das corôas, instam pela suppressão e apertam o papa com a fatal promessa escripta, que possuiam em seu poder. A fraqueza de Clemente XIV não lhe permittia desenganar as côrtes, manifestando-lhes os seus sentimentos, por outro lado a justiça da causa dos jesuitas e o seu merito, que elle tantas vezes proclamara (1), não

(1) "Si eu tivesse podido crêr, ou mesmo suspeitar, que me era possivel tomar para assumpto d'esta dissertação um ramo de sciencia sagrada que vos fosse desconhecido, levantar-se-hiam logo deante de mim os homens illustres de vossa companhia, cujo numero e merito dissipariam as minhas duvidas. Si se tratasse da interpretação da escriptura, apareceriam aqui os trabalhos preparatorios de Sulmeron, alli os commentarios de Cornelius,Tirinus e de outros. Si se tratasse da historia, eu encontraria Bini, Labbe, Hardouin, Cossart e o celebre Sermond, com seus doutos ensinos.

lhe permittia tambem aniquilal-os. Entre o temor e a consciencia, entre as ameaças dos principes a innocencia dos jesuitas, não podia decidirse. Elle havia recorrido á todos os meios de dissuadir as cōrtes de semelhante designio, e ellas se obstinavam em realisal-o; pedira tempo para reflectir, e ellas lh'o negaram; pedira a conservação da ordem em nome da dignidade da igreja, e ellas lhe exigiam sua extincção em nome da dignidade dos estados; propuzera a convocação de um concilio geral, e ellas responderam que era essa proposta uma zombaria; afinal o papa lhes declará que extinguirá a companhiā, mas quando fôr isto da vontade declarada de todos os monarchas, e elles lhe respondem que é isto impossivel.

Clemente XIV então, qual novo Pilatos, como lhe chama um escriptor, lava as mãos, e

Si se ocupasse de controversia, ahí estam Gregorio de Valentia com a maduresa de seus juizos Suarez com a extensão de seu genio, Vasquez com a aguda penetração de seu espirito e cem outros. Emfim si se tratasse de lutar corpo á corpo com os inimigos da fé e de vingar os direitos da igreja, poderia eu despresar a vigorosa argumentação de Bellarmino? Si eu quizesse ir ao combate munido de armas de toda especie e esperar uma victoria segura, esqueceria por ventura os livros d'ouro de Denis Petau, glorioso monumento elevado

a embaixada de Roma, encheu de tristeza aos verdadeiros amigos dos jesuitas e da igreja. Impio sob as apparecencias de religioso, exigente e audaz, mas affectando moderação e docura, esse habil politico, pouco depois de sua chegada a Roma, tornou-se o centro de todas as intrigas contra os jesuitas.

Elle se apressa em exigir do papa terminantemente a abolição completa da companhia. Clemente XIV sente-se embaraçado em presença d'esse caracter inflexivel, sob cuja vontade a suppressão tornava-se uma necessidade indeclinavel, e tenta satisfazel-o, nomeando o celebre Malvezzi para a triste comissão de extinguir o noviciado nas casas dos jesuitas, o que importava a extincção futura da companhia. Monino porém não se contenta com isso.—“ Nossa corte, diz elle, não quer vêr cortarem-se sómente os ramos, ella quer na raiz esse golpe decisivo, já designado, já promettido. E' em vão que se atormenta essa pobre gente. Uma só palavra basta:—*abolição.*—”

Elle dirige-se então ao papa e lhe promette a restituição de Avinhão e Benevento, si elle cumprir os votos das cōrtes; ao que Clemente XIV lhe responde com esta phrase verdadeiramente nobre e digna de um grande

pontifice:—"Aprende que um papa governa as almas, mas não trafica com ellas." Oh! bellas palavras, mas que foram como o ultimo e duvidoso clarão de uma lampada que se extingue....

Clemente XIV não era homem para semelhantes lutas. Monino irritado ameaça-o com a publicação da carta que elle escrevera a Carlos III, com a separação dos tres reinos da curia romana, e a vontade do papa dobrou-se ante a do audacioso ministro: o decreto de suppressão foi logo lavrado e assignado, e uma commissão nomeada para o pôr em execução.

Clemente XIV entretanto extinguindo os jesuitas, para satisfazer ao capricho dos Bourbons, offerece á posteridade um testemunho valioso da conducta da companhia, sempre conforme as leis divinas e humanas. A suppressão não foi certamente uma condenação, mas um sacrificio á paz da igreja.

Que argumento se pode tirar de semelhante facto contra a companhia? Si Clemente XIV manifesta sobre ella a mais lisongeira opinião, si reconhece seus serviços e seu amor á igreja, e si finalmente o proprio decreto em que a fulmina não é baseado em crimes, que ella houvesse commettido, mas

em conveniencias politicas (1) e na necessidade de evitar os shismas e de restabelecer a harmonia entre a santa sé e as cōrtes que exigiam esse decreto; em que pode essa supressão injusta, e arrancada á força de ameaças, deslustrar a companhia? As hesitações de Clemente XIV antes de assignar o breve—*Dominus ac Redemptor*, e seu arrependimento posterior, tiram toda a força moral d'esse breve fatal.

Não culpamos Clemente XIV sinão de fraqueza. Attentos os motivos que o determinaram á esse acto, fazemos justiça a bondade de seu coração, e as suas intenções. Dizemos somente que Clemente XIV esqueceu-se de que não se tratava só da sorte dos jesuitas, mas tambem da sorte da igreja; que as ameaças das cōrtes, sendo já por si uma injuria a soberania da igreja, eram a primeira scena de um drama que se preparava, e no qual elle não ignorava para quem estava reservado o papel de victimá. Faltou-lhe a im-

(1) ‘Esse breve,diz Schoell, não condena,nem a doutrina nem os costumes, nem a disciplina dos jesuitas. As queixas das cōrtes contra a ordem sam os únicos motivos allegados para a suppressão, e o papa a justifica por exemplos precedentes de ordens supprimidas em satisfação as exigencias da opinião publica.’

dependendia que Lacordaire admira em S.Pedro, a independencia de quem não teme morrer pela justiça, a independencia do martyrio !!

Querer adquirir para a igreja uma paz apparente, á custa de uma concessão não só humilhante para ella, mas que lhe tirava toda a força de resistir á onda protestante, que ameaça destruir o catholicismo; entregar a inocencia ao sacrificio, os defensores intrepidos da igreja á seus furiosos inimigos, só para satisfazer conveniencias, é um acto de politica, mas de uma politica que jamais deverá ser aceita por um papa ! Que importava n'á Clemente XIV as ameaças das cōrtes ? ! A vida da igreja nunca é tam bella e tam sublime como nas épochas em que ella é perseguida. Nas perseguições é que ella brilha com a força que recebeu do Calvario; nas perseguições é que ella é grande; nas perseguições é que ella se laurêa com a corôa gloriosa do martyrio.

O breve com que Clemente XIV aniquila essa bella vergontea do madeiro sagrado, vai suprehender os jesuitas no meio de seus heroicos trabalhos. A Prussia, a Russia e outros paizes prohibem-n'o em seus estados. Entretanto os padres jesuitas, nem só se submettem

humildemente, como levam sua obediencia a ponto de abençoarem a propria mão que os destruia. Alguns, de caminho para o interior da China, onde os chamava o imperador, recebem a noticia do breve, e curvam-se á autoridade do chefe da igreja, sem murmurarem contra elle; instados para seguir e ameaçados com o castigo do governo chinez, elles permanecem firmes em sua obediencia ao decreto do papa.

Os jesuitas da Russia dirigem a imperatriz Catharina a seguinte supplica:—"Pelo que ha de mais caro nós supplicamos á V. M. que nos permitta prestar prompta e publica obediencia á autoridade espiritual suprema, que para nós reside na pessoa do soberano pontifice romano, e que execute as ordens por elle dadas para a abolição de nossa companhia (1). V. M. permittindo que se nos intime o breve de suppressão, exercerá sua autoridade de real, e nós obedecendo a elle com promptidão, nos mostraremos fieis tanto a V. M. que o permitte, como á auctoridade do soberano pontifice que o prescreve. Taes sam as sup-

(1) A imperatriz havia prohibido aos bispos católicos de seus estados, intimarem o breve aos jesuitas, e está averiguado que o papa não era estranho á essa ordem.

plicas que apresentam a V. M. todos os jesuitas.”

A imperatriz lhes responde :—“ Vós devéis obedecer ao papa nas cousas que dizem respeito ao dogma. Quanto ao mais á vossos soberanos. Percebo os vossos escrupulos; e farei escrever ao meu embaixador em Varsòvia, afim de que elle se entenda com o nuncio do papa e vol-o tire. Eu rogo á Deus para que vos tenha em sua guarda.”

A' um pedido semelhante dos jesuitas da Prussia, responde Frederico II:—“ Já que vos não quereis utilizar de meus beneficios, eu não pretendo violentar vossa consciencia, e permitto que vos considerais comprehendidos na suppressão de vossa ordem, que eu quizera conservar.”

Tam grande havia sido o entusiasmo de que se possuira o episcopado catholico, ao presenciar a heroicidade com que Clemente XIII defendera os jesuitas, como foi grande o desgosto com que recebeu o decreto de seu sucessor, extinguindo a companhia. O arcebispo de Vienna em termos respeitosos, porém energicos, lhe representa a injustiça com que sam tratados os jesuitas, e os males que se seguirão á extincção.

O illustre e corajoso Christovão de Beau-

mont, arcebispo de Pariz, que ainda se achava á frente do clero francez, recusa aceitar o breve, que elle declara considerar um--juizo isolado e particular, pouco honroso á tiara, e prejudicial á gloria da igreja e ao augmento e conservação da fé orthodoxa.

“ Não podemos, santo padre, tomar o encargo de empenhar o clero á aceitar esse breve. Não seríamos onvidos; e si fossemos bastante desgraçados para prestar o nosso ministerio á semelhante fim, nós o deshonrariamós. Ainda está muito recente a memoria d'essa assembléa geral que eu tive a honra de convocar, por ordem de S. M., para examinar a utilidade e necessidade dos jesuitas, a pureza de suas intenções etc. Encarregando-me de semelhante commissão, eu faria uma notavel injuria á religião, ao zelo, ás luzes e á justiça comque esses prelados expuseram ao rei seus sentimentos sobre os mesmos pontos, que se acham contradictos e aniquilados por esse breve de *destruição*. E' verdade que si quer mostrar que elle foi necessário, justificando-o com o especioso pretexto da paz, a qual não podia subsistir subsistindo a companhia; esse pretexto, santissimo padre, era bastante para serem destruidos todos os corpos invejosos d'essa companhia, e para ser ella canonizada, in-

dependente de quaesquer outras provas, e é esse mesmo pretexto que nos autorisa á formar do dito breve um juizo muito justo, porém muito desvantajoso.

“ Qual é essa paz que se nos dá como incompativel com a sociedade ? Esta reflexão tem alguma cousa de aterradora; e não comprehendemos como semelhante motivo poude induzir vossa santidade á dar um passo tam arriscado, tam perigoso, tam prejudicial. Certamente a paz que se não poude conciliar com a existencia dos jesuitas, é aquella que Jesus-Christo chama *insidiosa, falsa e enganadora*, em uma palavra aquella a que se dá o nome de paz, mas que não o é, a paz que o vicio e a libertinagem adoptam e reconhecem por māi, que jamais se alliou com a virtude, e que foi sempre inimiga capital da piedade.”

Semelhantes protestos contra a injustiça do breve, não faziam sinão augmentar a consternação em que se achava a alma afflita de Clemente XIV. Oh ! elle bem conhecia a ferida que abrira na igreja a suppressão dos jesuitas, mas julgava evitar assim um maior mal; elle cria que decepava um ramo para salvar a arvore, e que cortava um membro para salvar o corpo !!

Clemente XIV infelizmente enganava-se,

por que era para destruir a igreja que se destruia os jesuitas. E quando mesmo o não fosse, elle jamais devera ter consentido em sacrificar uma corporação tam numerosa, e que por tanto tempo servira á igreja, aos caprichos e exigencias dos seus inimigos.

Tudo porém estava feito; a companhia já não existia! Restavam-lhe agora a tristeza, o desolamento e o remorso. A vida de Clemente XIV d'ahi por diante foi uma serie de dolorosos soffrimentos. O phantasma da companhia destruida surgia á cada momento em sua consciencia. Essa ideia afflictiva, ante a qual elle havia recuado, levava-o ao desespero. Tudo porém estava feito.

Então elle desejava ter evitado esse acto, e arrependia-se de não ter resistido; era porém tarde, tudo estava feito.

Nessa luta pungente de remorsos e afflícções, que o levaram quasi á loucura, a saude do papa foi enfraquecendo, até que a morte veio pôr termo á suas dôres.

Uma ultima calunnia esperava ainda os jesuitas. Bernis e alguns outros de seus inimigos quizeram lançar ainda sobre elles o crime de haverem envenenado o papa.

Inverosimil accusaçao! Os jesuitas que deixaram viver o papa quando elle os podia

destruir, que não o assassinaram para evitar a suppressão, haviam reservar semelhante crime para uma epocha em que com elle não podiam mais melhorar sua sorte, e em que o acto da suppressão estava consummado?!!!

Assim como todas, essa accusação contra os jesuitas é refutada por documentos irrecusáveis.

Os medicos, que examinaram o corpo do papa, certificaram unanimes que sua morte fôra natural.

O grave historiador Cantu pronuncia-se sobre o facto do seguinte modo: "Pouco tempo depois, Clemente XIV, cuja saude e razão se tinham gravemente alterado, morreu em delírio, cercado de phantasmas e implorando seu perdão. Pretendeu-se que elle havia sido envenenado pelos jesuitas. A verdade é que os medicos não acharam em seu corpo nenhum signal de veneno. Mas não se poderia perguntar como, si elles tinham os meios e a vontade, não o fizeram antes de ser dado o golpe decisivo, ou por que não feriram elles aos *fortes* que praticaram a violencia, em lugar do *fraco* que a soffreu? Mas que se importa a paixão com o senso *communum*? "

D'Alembert, impio como era; defende tambem os jesuitas d'essa imputação: "O cor-

po do papa foi aberto e não se encontrou o menor signal de veneno;" e accrescenta: "Elle se reprochava muitas vezes de haver sacrificado uma ordem, como a dos jesuitas, á phantasia de seus filhos rebeldes."

Resta uma gloria aos jesuitas. Nenhuma das innumerias accusações que se lhes fez foi ja-mais provada. Seria possivel que, sendo verdadeiros os seus crimes, tantos e tam poderosos inimigos, empenhados em descobrir provas d'elles, jamais o conseguisse? Seria possivel tambem que as tivessem encontrado, mas que as occultassem, quando elles só tratavam de infamal-os, recorrendo as calumnias mais ridicas?

Nos diversos paizes de onde se os expulso, foram tomados de surpresa seus archivos, e todos os seus papeis cuidadosamente examinados. Logo depois da suppressão, o archivo geral da companhia sofreu as pesquisas mais minuciosas. E o que resultou de tudo isto? O silencio dos perseguidores é bem eloquente!



CAPITULO XIII.

Pio VII ou o restabelecimento da companhia.

Os jesuitas foram pois destruidos em nome da paz do mundo catholico. Gritou-se que elles perturbavam a ordem publica e a felicidade dos estados; e seus inimigos, inimigos tambem da igreja, exigiram a sua extincção como um beneficio ao pontificado. Beneficio forçado, e que elle se julgaria feliz si o podesse recusar.

Mas o que resultou d'ahi? Realisaram-se por ventura a paz da igreja, a ordem dos estados, e a harmonia com o pontificado?

Não; a igreja continuou, mais do que d'antes á ser injuriada e perseguida por aquelles mesmos que, em beneficio d'ella, a despojaram de seus mais devotados defensores; a paz dos estados converteu-se em uma serie de revoluções, que não foram de certo produzidas pelos principios da companhia, mas pelas theorias anarchicas, desorganisadoras e revolucionarias da philosophia que a combatteu.

Para salvar a ordem, a monarchia e o papa, extinguiram a companhia, e mais tarde a mesma geração ensanguentou a Europa com a maior revolução politica, que jamais tem apparecido.

Oh ! bem caro pagaram os principes o seu triumpho contra a religião. O cadasfalso erguido para os padres serviu tambem para elles e para a nobresa. O povo aprendeu bem a liçao de desrespeito á autoridade que elles lhe davam do alto dos thronos, e por sua vez applicou contra elles as mesmas theorias que elles haviam posto em pratica contra o santo padre.

Eis-ahi a paz do mundo ! Eis o triumpho da philosophia que se annunciou pela queda dos jesuitas.

“ Ficai certo, escrevia Voltaire á d'Alembert, que a revolução que á doze annos se opera nos espiritos, serviu muito para expellir os jesuitas de tantos estados, e para animar os principes á ferir o IDOLO DE ROMA, que em outro tempo os fazia tremer.”

“ Matámos os jesuitas, dizia Roda, tomando de um entusiasmo satanico, não nos resta sinão fazer outro tanto a nossa santa igreja romana.” (!!!)

Infelizes principes, que, na cegueira de vossa paixão, esqueceis, que esse *idolo de Ro-*

ma é a pedra angular do edifício da igreja, que esse *idolo de Roma* é o vigário de Jesus-Christo, e que feril-o é provocar a cholera de Deus. Destruístes os jesuitas, mas com esse acto não aniquilastes sinão uma obra dos homens. O grito porem de morte contra a eternidade da igreja, só serviu para apressar a vossa desgraça. Esse poder com que ameaçastes a religião se despedaçou ao sopro da tempestade que vós mesmos provocastes, o tumulo já cobre o pó de que se revestia o vosso orgulho, existe apenas na historia a memoria de vossas blasphemias, e a igreja sobrevive, firme e inabalável !!

“Uma geração não havia ainda passado, quando a justiça de Deus veio tomar assento no mesmo lugar em que á longo tempo o crime estabelecera seu imperio. Então o scelerado tornou-se o carrasco do scelerado, e o philosopho foi esmagado no pilão da philosophy.

“Mas não consideremos aqui sinão as summidades européas . . .

“Foi na França, ao pé do throno de Luiz XV, que se urdiu a conjuração contra os direitos sagrados da igreja e contra a companhia de Jesus,—e o throno de Luiz XV foi abatido.

“A Austria havia sacrificado á seu orgu-

Iho e á sua ambição, de sete á oito mil subditos á quem devia proteger, e ninguem ignora com que terrivel vingança o céo, puniu e á que humilhações a submetteu.

“ O rei de Hespanha, de Portugal, de Nápoles e o duque de Parma foram todos depositos de seus thronos, e nós os vimos errantes ou captivos na superficie da Europa.

“ Só os soberanos da Russia, da Prussia e da Inglaterra foram exceptuados d'essa proscripção:—*Et nunc, reges, intelligite!*

“ Todos os parlamentos de França e as cōrtes soberanas, que nos annos de 1761, 62, 63, etc., ultrajaram a justiça, violaram sacrilegamente os direitos da igreja e da religião, foram todos, com poucas excepções, conduzidos em carretas para o cadafalso: *Erudimini, omnes qui judicatis terram!*

Póde-se applicar á todos os reis da terra, que succedem á principes, que tem commetido ou deixado commetter graves iniquidades, esta verdade que passava como proverbio entre o povo judeu:—*Patres comedenter uvam acerbam, et dentes filiorum obstupescunt.*”

Dolorosa lição, e digna por certo de ser recordada nos tempos actuaes, em que se vai pronunciando na Europa o espirito de hostilidade á autoridade do pontifice!

A guerra feita á igreja, e á qual se dava por causa a existencia dos jesuitas, não se extinguiu com elles. Pio VI, que sucedeua á Clemente XIV, supportou os mais duros soffrimentos. Elevado á cadeira pontifical, elle encontra a igreja escravizada; (1) tenta restituirlhe a liberdade, e com esse acto de coragem só consegue comprar para si a triste dôr de ir chorar de prisão em prisão as desgraças que a affligiam.

Foi preciso que o braço invencivel de um novo Nabuchodonosor se levantasse depois de tam penosas provanças, para que os reis conhecessem que tam grande era a impiedade de seu orgulho como a fraqueza de seu poder.

Napoleão I, collocado por Deus acima de todos os reis, desconheceu como Nabuchodonosor a sua missão.

Tendo libertado a igreja da oppressão em que outros a tinham, elle a quiz escravizar ao seu poder. Desde este momento desapparece a estrella que o guiava em sua carreira de gloria.

(1) “ O rei, meu senhor, dizia Florida Blanca ao sagrado collegio, entende que vós lhe deveis responder pelos jesuitas presos no castello de Santo Angelo; elle não quer que se lhes dé a liberdade.”

Elle encarcerara o augusto e soberano chefe da igreja, e instituira seu filho—*rei de Roma!* Era um sacrilegio e uma blasphemia. Mas oh! Providencia! No momento em que Pio VII caminhava livre para Roma, Napoleão seguia captivo para Santa Helena. E o *rei de Roma* morreu esmagado com o peso d'esse nome.

Pio VII voltando para Roma, achou-se livre para obrar conforme a sua consciencia. A triste experiençā á que Deus havia sujeitado os povos, e a permanencia da igreja, apesar dos exforços da impiedade por destruirl-a, prepararam a feliz situaçāo que succedeu ao captiveiro de Pio VII. Elle se aproveitou d'ella para reconquistar o que a igreja havia perdido; e um de seus primeiros actos foi o restabelecimento dos jesuitas, primeiro em alguns países, que não haviam cessado de o reclamar, e depois no mundo inteiro.

“Todo o mundo sabe, escreve o eloquente M. de Bonald, que a extincção dos jesuitas foi a obra das paixões e o triumpho das falsas doutrinas . . . *Si um papa constrangido os suprimiu, um papa livre os restabeleceu....* A REHABILITAÇĀO DE UM CONDEMNADO PROVA MELHOR SUA INNOCENCIA, DO QUE A CONDEMNAÇĀO SUA CULPABILIDADE....”

CAPITULO XIV.

Os jesuitas no Brasil.

O que foram e o que podem vir á ser ainda os jesuitas no Brasil ?

Percorrei as nossas cidades, examinai os seus templos, a maior parte de seus edificios publicos, e achareis em tudo impressa a mão do jesuita. Penetrai no interior das provincias, e perguntai quem foi alli collocar essas igrejas magestosas, que em seu estado actual de ruina, acompanham e provam a decadencia da religião no imperio.

A passagem gloriosa dos jesuitas pelo Brasil é attestada por uma infinidade de edificios, que aqui e alli se levantam para dar um testemunho dos seus immensos serviços á nossa civilisação. Ainda hoje, convertidos em reparações publicas, e despidos de sua antiga riqueza e magestade, elles sam uma prova da acção civilisadora que exerceram esses padres, e de quanto foram uteis ao nosso paiz.

A' essas provas materiaes, e que estam aos olhos de todos, se vem ajuntar o depoi-

mento de muitos brasileiros, que lhes devem sua educação litteraria.

Mas o que deve tornar todo coração brasileiro agradecido e dedicado á essa illustre companhia, é que foi ella quem arvorou em nossas plagas o estandarte da cruz.

Foram os seus padres que internando-se pelas nossas florestas, levaram aos indigenas do Brasil a luz da religião. E' a palavra eloquente dos Antonio Vieira, dos Anchietas e dos Nobrega, que se deve os brilhantes triumphos da fé no meio dos nossos selvagens.

Levado por elles, o catholicismo se espalhava por todos os pontos do imperio, alcançando mais promptas e solidas victorias do que as que ganhavam as armas, quando o marquez de Pombal resolveu expulsal-os dos dominios portuguezes. O Brasil, então colonia, e não podendo deliberar sobre seu destino, presenciou ainda essa vez o triste espectaculo das violencias com que o tratava a metropole. Soffrendo no Brasil os effeitos da sentença imposta á seus irmãos de Portugal, os jesuitas foram arrancados ás missões, onde eram amados dos indios, e atirados nos porões dos navios sem se lhes dizer o seu crime nem a punição que os esperava.

Não foi pois o Brasil livre quem expul-

sou os jesuitas de seu territorio; foi Portugal quem os expelliu de uma de suas colonias, em prejuizo de sua civilisação nascente, e que comecara á desenvolver-se.

Eis o que foram os jesuitas no Brasil.

Mas o que podem ainda vir á ser? Convirá hoje ao Brasil a volta dos jesuitas?

E' para nós evidente que sim; á se nos não provar, que o catholicismo é entre nós conhecido, praticado e respeitado, como deve ser.

E' triste dizer-se: a religião entre nós só vive nos templos, quando ahi mesmo a não a vai perseguir o ridiculo de nossa sociedade, que se vai tornando muito elegante, porém muito impia; e é necessário fazel-a viver nos corações. Entre nós a piedade occulta-se para fugir á zombaria dos *espiritos fortes*, e é necessário fazer d'ella um título de gloria.

Aquelles que acham boa a situação religiosa do Brasil, e que não julgam preciso um remedio contra a decadencia notavel das idéas moraes e catholicas, pensariam do mesmo modo si n'elle vissem de todo extinto o catholicismo.

Hoje tanto, ou ainda mais do que no seculo XVIII os jesuitas sam necessarios. O aspecto dos negocios religiosos é mais desa-

nimador do que n'aquella epocha. No seculo XVIII havia uma paixão frenética contra a religião, mas aquella paixão ainda era crença, ainda era fé; hoje o indifferentismo mata tudo entre nós. Não ha ódio, mas ha desrespeito pela religião. O martelo e o malho não derribam os templos, mas elles cahem aos pedaços; não se fundem as imagens, mas elles empoeiram-se sobre os altares, desfiguradas e mutiladas; não se guilhotina os padres pelo *crime* de serem sacerdotes, mas elles sam desrespeitados como os *Pariás* da sociedade. O indifferentismo, a peior de todas as phases religiosas, é a fase religiosa do Brasil; e diz-se que não ha necessidade de quem combate pela fé ? !

Visitai o interior das províncias; notai a ignorância de tudo o que pertence á religião, o desconhecimento quasi completo do catholicismo, e respondei si as missões e a cathechese não tem ainda muito que fazer em nosso paiz ?

Nós pedimos pois com as todas as forças de nossas convicções, que sejam de novo chamados para o Brasil, esses homens como diz Lamennais, *tam avidos de sacrifícios, como os outros o sam de gosos e prazeres.*

O que pôde o Brasil receiar ? Que perigos podem vir para elle d'esses padres inoffensi-

vos e caridosos ainda mesmo contra aquelles que os perseguiam e martyrisaram ? Que receio pode inspirar uma corporação, que no auge de sua prosperidade, foi destruida sem a menor resistencia ?

A introduçao dos jesuitas no Brasil encontrará algumas antipathias, mas só d'aquellos que não tiverem estudado a triste e dolorosa historia de seus soffrimentos, e a resignação e paciencia com que elles supportaram as perseguições que lhes fizeram seus inimigos. Entretanto, temos fé de que a vista de sua dedicação ao bem da humanidade, chegará á convencer á opinião, de que só o espirito religioso os pôde levar á se sacrificarem pela salvação das almas de seus semelhantes, no meio das florestas, e só em presença de Deus e de sua consciencia !

FIM.

INDICE.

| | Pag. |
|---|------|
| Prefacio | I |
| Capitulo | |
| I. Nascimento da companhia; causas que lhe deram origem; sua ligação á igreja | 1 |
| II. Que motivos determinaram a guerra contra a companhia | 13 |
| III. Quaes foram seus inimigos | 21 |
| IV. Quaes eram suas idéas constitutivas | 31 |
| V. Testemunho dos bispos catholicos em seu favor | 43 |
| VI. Os jesuitas em Portugal | 55 |
| VII. Os jesuitas na França | 107 |
| VIII. Os jesuitas na Hespanha | 159 |
| IX. Os jesuitas na Italia | 185 |
| X. Clemente XIII ou a luta para a extincção dos jesuitas | 195 |
| XI. Eleição de Clemente XIV | 207 |
| XII. Clemente XIV ou a supressão da companhia | 235 |
| XIII. Pio VII ou o restabelecimento da companhia | 257 |
| XIV. Os jesuitas no Brasil | 263 |

ERRATAS.

| Pag. | Lin. | Em vez de | Lêa-se: |
|------|------|-----------------|-------------------|
| 25 | 24 | arcebisco | arcebispo. |
| 26 | nota | Melvecio | Helvecio. |
| 35 | 12 | impectuoso | impetuoso. |
| 36 | 8 | conseguindo | conseguido. |
| " | 19 | rediculas | ridiculas. |
| 53 | 22 | desfensores | defensores. |
| 88 | 6 | expecionalmente | excepcionalmente. |
| 101 | 16 | infringido | infligido. |
| 107 | 13 | Frenay | Ferney. |
| 110 | 28 | berregã | barregã. |
| 179 | 24 | infringido | infligido. |
| 195 | 14 | enraivesse | enraivece. |
| 196 | 13 | industrutivel | indestructivel. |
| 225 | 18 | fará á um papa | fará um papa. |

